

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

JOICE GOTTARDO DE JESUS

**MENINOS NÃO DANÇAM!?! A DANÇA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

VITÓRIA-ES
2022

**MENINOS NÃO DANÇAM!?! A DANÇA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito
parcial à obtenção de título de Licenciatura.

Orientador(a): Profa. Dra. Erineusa Maria da Silva

VITÓRIA- ES
2022

JOICE GOTTARDO DE JESUS

Meninos não dançam!? A dança e as relações de gênero nas aulas de educação física no ensino médio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciatura.

Vitória, 18 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosely Maria da Silva Pires
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Mariana Zuaneti Martins
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Erineusa Maria da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, que foi uma das minhas fontes de inspiração como professora da rede pública de ensino, por sua paixão por ensinar, e com muito carinho sempre me incentivou a estudar e a realizar meus sonhos.

Dedico este trabalho aos professores e professoras de educação física que trabalham a dança como conteúdo na escola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, saúde e por sempre me iluminar, e nossa Senhora por sempre me conduzir e por passar a minha frente.

Agradeço especialmente à minha mãe Penha Eliza, por sempre ter me incentivado a estudar, e por ser minha grande inspiração para exercer a minha profissão

Agradeço a meu pai Joel e minha irmã Jamile, e meu irmão Mateus que sempre me incentivaram e apoiaram em todos os momentos que me dediquei a realização deste trabalho.

A todos que participaram da pesquisa, pela colaboração e disposição no processo de obtenção de dados.

Agradeço principalmente, aos treze colegas de curso que participaram das entrevistas, que apoiaram e contribuíram para que esse trabalho se realizasse.

A professora Erineusa, que me orientou com excelência, me acompanhou precisamente em cada etapa do processo de pesquisa, obrigada professora pelas correções e ensinamentos que me auxiliaram na elaboração dessa pesquisa.

As professoras Rosely Maria da Silva Pires e Mariana Zuaneti Martins, membros da banca, por toda atenção dedicada ao meu trabalho.

Aos/as professores/as do Centro de Educação Física da Ufes, que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo este trabalho.

Enfim, agradeço a todos e todas que estiveram presentes e fizeram parte dessa etapa tão importante da minha vida.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é fruto de uma pesquisa realizada no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, localizada em Vitória. Apresenta como objetivo central compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da ¹dança identificando como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio. Partimos da hipótese de que meninos dançam determinadas formas de dança fora da escola, mas essas formas normalmente não são objeto de ensino das aulas de Educação Física com o conteúdo dança, o que pode afastá-los das aulas. A pesquisa de cunho qualitativo, apoiou-se teórico-metodologicamente nos estudos de gênero e feministas (LOURO, 1995; SILVA, 2021; PISCITELLI, 2009) e nos estudos do campo da Educação Física que se articulam aos estudos da dança como conteúdo curricular (ANDREOLI, 2010; SILVA, 2013, BRASILEIRO, 2003; HANNA, 1999). Sendo utilizado como fontes: artigos, livros voltados para Educação Física Escolar e também sobre gênero, além das vozes e testemunhos de estudantes homens. Os colaboradores foram estudantes do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Espírito Santo. O processo de análise considerou os dados produzidos por meio das seguintes estratégias: aplicação de um questionário via Google Forms e entrevista realizada na plataforma online Google Meet, por meio dos quais pretendemos identificar a partir das experiências com a dança desses estudantes os sentidos e significados que implicam o pensar e fazer sobre a dança em relação ao gênero. O propósito deste trabalho é o de estimular a reflexão sobre a prática pedagógica durante o processo de ensino-aprendizagem da dança como conteúdo específico da Educação Física.

Palavras Chaves: Educação Física no Ensino Médio. Dança. Relações de gênero e sexualidade.

¹ Homens e meninos cis são aquelas pessoas que nascem com o órgão sexual masculino, se expressa socialmente conforme dita o papel de gênero masculino e se reconhece como homem.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work is the result of a research carried out at the Physical Education and Sports Center of the Federal University of Espírito Santo, located in Vitória. Its main objective is to understand the crossings of gender in dance learning, identifying how dance is situated in the school and non-school experiences of young people, during their trajectories in high school. We start from the hypothesis that boys dance certain forms of dance outside of school, but these forms are not normally taught in Physical Education classes with dance content, which can keep them away from classes. The qualitative research was theoretically and methodologically based on gender and feminist studies (LOURO, 1995; SILVA, 2021; PISCITELLI, 2009) and on studies in the field of Physical Education that are linked to dance studies as curricular content (ANDREOLI, 2010; SILVA, 2013, BRASILEIRO, 2003; HANNA, 1999). Being used as sources: articles, books focused on School Physical Education and also on gender and sexuality, in addition to the voices and testimonies of cis boys students. The collaborators were students of the Physical Education Licentiate course at the Federal University of Espírito Santo. The analysis process considered the data produced through the following strategies: application of a questionnaire via Google Forms; Interview carried out on the online platform Google Meet, where we intend to identify, from the experiences with dance of these students, the senses and meanings that imply thinking and doing about dance in relation to gender. The purpose of this work is to stimulate reflection on pedagogical practice during the teaching-learning process of dance as a specific content of Physical Education.

Keywords: Physical Education in High School. Dance. Gender and sexuality relations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA DE PESQUISA	14
3	GÊNERO E DANÇA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO.....	17
	3.1 DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	22
	3.2 GÊNERO E DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO	24
4	O QUE DIZEM OS ESTUDANTES ENTREVISTADOS SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS COM A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	30
	4.1 O QUE DIZEM OS PARTICIPANTES A PARTIR DOS DADOS PRODUZIDOS NO GOOGLE FORMS	30
	4.2 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES ENTREVISTADOS SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS COM A DANÇA	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICES	61
	APÊNDICE A: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO	61
	APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTAS	62
	ANEXO A	63

1 INTRODUÇÃO

Crescemos escutando que dançar é coisa de mulher, e que meninos não dançam. Esse marcador sociocultural atribuído aos gêneros, que naturaliza a ideia de que a dança é “Coisa de mulher”, já foi bastante evidenciado no campo dos estudos de gênero e feministas e também na Educação Física (BEAUVOIR, 1949; SAFFIOTI, 2004; LOURO, 1997; GOELLNER, 2010; SILVA, 2013). A naturalização (Bourdieu, 2007) desse marcador de gênero sobre a arte corporal da dança, faz com que o homem que dança, muitas vezes seja considerado homossexual e afeminado. Apesar dos avanços relativos ao campo das relações de gênero, ainda existe um preconceito muito grande em relação aos homens que dançam as danças que historicamente passaram a ser associadas ao feminino. Esse pensamento preconceituoso tem sido alegado em pesquisas como um forte motivo de alguns estudantes afastarem-se das aulas de dança quando abordada como conteúdo das aulas de educação física (KLEINUBING, 2013; ALTOÉ, 2020; PINTO, 2016).

Essa alegação muitas vezes tomada de forma homogeneizante me chama a atenção, pois as minhas experiências escolares me mostraram algo diverso. Embora percebesse a existência dessa forte associação da dança ao gênero feminino, era possível também identificar a presença do homem/menino no mundo da dança. Lembro, por exemplo, dos meninos dançando em diversos momentos, ao participarem de apresentações de dia das mães, dia dos pais, quadrilhas, danças folclóricas que acontecem na escola durante o ano. Além das danças nessas datas comemorativas, também era marcante o envolvimento deles com a dança em atividades extracurriculares como nas festas realizadas em comemoração ao dia do estudante. Todos os anos a escola realizava a “Festa do estudante” para os/as estudantes do ensino médio e, ao que me lembro, os meninos dançavam diversos tipos de dança efusivamente nesse evento.

Olhando para essas experiências ao longo da minha vida escolar, causou-me estranhamento a afirmação de que “meninos não dançam” nas aulas de Educação Física. Minhas memórias, contrariamente a essa afirmação, indicam que eles sempre dançaram seja nas quadrilhas, nas festas da escola, nas apresentações e em outros contextos além da escola. E por isso comecei a me questionar: qual seria o motivo de muitos meninos continuarem se negando a participar da aula de Educação Física quando o conteúdo é a dança? Porque

dançam em outros momentos na escola e nas suas comunidades? E por qual motivo muitos jovens ainda continuam acreditando que dançar é uma prática apenas de mulheres?

Não há dúvidas que a questão da existência de marcadores de gênero sobre a dança é um dos desafios ao ensinar esse conteúdo nas aulas de educação física, em especial quando se trata do ensino médio. Segundo Dayrell (2007) os/as estudantes do ensino médio também são influenciados pelo modelo de sociedade patriarcal, pois existe uma representação de imagem masculina associada à virilidade e à coragem, que influencia os jovens e essa realidade acaba afetando sua perspectiva em relação ao corpo.

Diante disso, é curioso o afastamento dos meninos nas aulas de educação física quando o conteúdo é a dança, pois percebemos os jovens dançando nas atividades extracurriculares e também fora do contexto escolar. É possível identificar que os corpos masculinos apropriam-se mais de algumas formas de dança que outras. Exemplo disso, é o preconceito que muitos bailarinos sofrem por dançar ballet, devido aos movimentos delicados do ballet culturalmente mais atribuídos às mulheres, em contrapartida as danças urbanas apresentam um repertório de movimentos mais bruscos e menos delicados, e devido a essas características, essa forma de dança na maioria das vezes, é considerada mais apropriada aos homens (SILVA, 2013).

Então, nos questionamos porque a fala “ Meninos não dançam” é tão corriqueira e até aceita socialmente. Porque não têm sido visualizados os meninos que dançam e as danças que eles dançam? Será que os meninos realmente não dançam? Será que a pergunta ideal não seria “O que eles não dançam e o que dançam?” E porque eles se recusam a dançar “determinadas” formas de dança nas aulas de educação física? Não seria então a educação física que precisa começar a reconhecer o que eles dançam e dar visibilidade ao que dançam também? Considerando os/as estudantes do ensino médio, precisamos repensar essas questões: por quais motivos é tão presente a fala de que meninos não dançam? Eles realmente têm se afastado das aulas e os conteúdos escolhidos pelos/as professores/as acabam afastando esses meninos tendo em vista os marcadores de gênero?

Com isso não queremos afirmar que os/as professores/as devem trazer para suas aulas somente os conteúdos que os meninos costumam dançar fora do âmbito escolar, nas suas comunidades, mas afirmar a importância de a escola se articular à comunidade para trazer para a âmbito escolar conhecimentos mais contextualizados (SILVA, 2020) que sejam a porta de problematização para toda e qualquer forma de conhecimento. Também não se quer

desconsiderar que as formas de dança dançadas por meninos fora da escola possam conter conteúdos sexistas e que isso gera uma contradição na escolha dos conteúdos escolares e que seria uma problemática a ser tratada. O que desejamos é pontuar justamente essa contradição como problemática necessária de ser tratada pedagogicamente. A nosso ver, a escola precisa enfrentar essa questão.

Diante das problemáticas apresentadas, o objetivo geral deste trabalho é compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança entendendo como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio. Nesse sentido, torna-se necessário então, compreender os tensionamentos que existem no campo da dança e as adequações de gênero nesse processo, e identificar o que a educação física precisa repensar. Pois, será que não cabe à educação física começar a valorizar e reconhecer as formas de dança que esses corpos masculinos dançam? Não seria interessante a escola e a educação física começar a se apropriar dessas formas de dança, a fim de superar esse pensamento de que dançar não é coisa de homem e, por meio dessas experiências, desconstruir a ideia de que a dança é uma prática corporal exclusiva das mulheres? Não seria esse o papel da escola?

A escola é uma instituição que tem um papel fundamental na sociedade, pois é um ambiente no qual se possibilita a relação dialética de transmissão, produção e ressignificação de conhecimentos que possam contribuir para o pleno desenvolvimento das pessoas, fortalecendo uma perspectiva de comunidade, de pessoas em comum, de uma nação (SOARES, et al., 1992). Diante disso, a escola enquanto instituição dos saberes, deve promover aos/às estudantes ao longo da educação básica acesso à diversas áreas do conhecimento, a fim de contribuir para uma formação integral, formando uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, lei 9.394) a educação física é um componente curricular comum obrigatório da educação básica que deve ser integrada à proposta pedagógica da escola, sendo reconhecida e valorizada como área do conhecimento e disciplina fundamental para o/a estudante. No contexto escolar, a educação física trata pedagogicamente da Cultura Corporal de Movimento (SOARES, et al., 1992) que engloba conteúdos que se firmam ao longo dos anos como elementos da cultura e como linguagem corporal. Essa área do conhecimento é formada pelas atividades corporais expressivas como as danças, os esportes, os jogos, as brincadeiras e as ginásticas. Diante

disso, a educação física assume o papel de proporcionar aos/às estudantes saberes a respeito dos aspectos culturais relacionados às vivências corporais, sendo esses ressignificados de acordo com o contexto escolar, permitindo aos/às estudantes aprenderem por meio das práticas corporais, um movimentar-se social e cultural, historicamente construído.

Todavia, apesar de a dança fazer parte dos conteúdos da cultura corporal de movimento, ela tem sido negligenciada na escola, pois na maioria das vezes a dança é trabalhada de forma isolada, como fim de apresentações em datas comemorativas ou eventos escolares (BRASILEIRO, 2003; SILVA, 2013; HANNA, 1999). Diante disso, tem-se o reconhecimento de que há uma dupla marginalização em relação a esse conteúdo na escola, pois devido a sua origem na modernidade a escola tem como foco o preparar os/as estudantes para o mercado de trabalho. Diante disso existe uma escala hierárquica entre os conhecimentos a serem ensinados pela escola, o que acaba contribuindo para uma desvalorização principalmente dos conhecimentos direcionados a atividades sociais de apreciação estética, como a dança, a música e a arte. A partir dessa realidade, a Educação Física é uma disciplina pouco prestigiada no currículo escolar, e a dança por ser um conteúdo da educação física vinculada ao âmbito sensível também sofre desvalorização dentro dos conteúdos da Educação Física (SILVA, 2013).

Dessa forma, não é possível desconsiderar que há diversas razões que dificultam o ensino da dança nas aulas de educação física como: o privilégio do conteúdo esportivo, o preconceito relacionado à participação dos meninos na dança, o fato de culturalmente a dança ter sido associada a uma prática exclusivamente feminina, o afastamento das aulas de educação física especialmente dos/as estudantes do ensino médio para evitar situações constrangedoras, a não participação devido às questões religiosas, hierarquização dos saberes, são alguns dos desafios apresentados para o ensino da dança na escola (ALTOÉ, 2020; SILVA, 2013; BRASILEIRO, 2003). Para além disso, temos a hipótese de que o fato de algumas formas de dança, normalmente dançadas por meninos fora da escola, não serem tratadas como objeto de ensino das aulas de Educação Física com o conteúdo dança tem sido fator de afastá-los das aulas de Educação Física na escola.

Discutir a dança e as relações de gênero na atualidade, é necessário para refletirmos sobre os fatores que influenciam na participação dos meninos nas aulas de Educação Física que tem como conteúdo a dança. Sendo assim, é importante salientar que muitas vezes abordar este conteúdo nas aulas de Educação Física se torna um desafio para os/as

professores, pois muitos meninos se recusam a dançar nas aulas e muitas vezes desvalorizam esta prática deslegitimando-a enquanto conteúdo das aulas de Educação Física.

Para a realização desta pesquisa, partimos da ideia de que a dança sempre esteve associada a determinadas representações hegemônicas de masculino e de feminino, que contribuem para a relação diferenciada que homens e mulheres têm com essa prática corporal. Dessa forma, por ser “marcada” pelo gênero, muitas vezes os homens/meninos que dançam precisam superar barreiras sociais ou enfrentar preconceitos (ANDREOLI, 2010a; SOUZA, 2007). Sendo assim, reconhecemos que o dançar é uma prática corporal fortemente influenciada pelos “marcadores de gênero” e isso pode dificultar o ensino da dança e, conseqüentemente, pode impactar na construção dos saberes em dança.

Ademais, esta pesquisa visa contribuir para que os estudantes possam refletir acerca da temática da dança e gênero, a fim de desconstruir preconceitos a respeito da dança, com a intenção de incentivá-los a vivenciar essa prática corporal. Além disso, também temos a intenção de provocar os/as professores/as de Educação Física, a fim de que estes possam refletir sobre a importância de abordar o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física enquanto manifestação sociocultural, e não apenas em eventos ou atividades extracurriculares. Sendo assim, é fundamental proporcionar aos/as professores/as de Educação Física um entendimento sobre as questões de gênero, e como elas afetam o ensino da dança, através da análise do comportamento dos estudantes diante da experiência com a dança.

Acreditamos que o contato com dança como conteúdo específico das aulas de Educação Física, pode promover uma melhoria da relação dos meninos com essa prática corporal, a fim de que possam superar os estereótipos da masculinidade socialmente impostos, e assim consigam ter uma relação diferente com a dança e com os estereótipos de movimentos. Além disso, a partir da convicção do/a professor/a enquanto agente de transformações sociais e a escola como um espaço onde os saberes são produzidos, buscamos contribuir para a reflexão a respeito da relação dos meninos com a dança dentro e fora do contexto escolar, a fim de que o/a professor/a também possa desenvolver um olhar crítico em relação às relações de gênero e sexualidade no conteúdo da dança.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança, identificando como essa prática

corporal é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio. Ademais, discutir as relações de gênero no âmbito da Educação Física escolar, analisando os marcadores de gênero que implicam o pensar e fazer sobre a dança e refletindo sobre como os marcadores de gênero afetam os homens/meninos e a relação que eles têm com essa prática corporal.

Especificamente buscamos: a) discutir as relações de gênero na prática corporal da dança nas experiências escolares e não escolares durante a trajetória do ensino médio; b) analisar como os marcadores de gênero que implicam o pensar e fazer sobre a dança; c) refletir sobre como os marcadores de gênero afetam os homens/meninos e a relação que eles têm com essa prática corporal.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa “ Meninos não dançam!?! A dança e as relações de gênero nas aulas de Educação Física no ensino médio” aprovada pelo comitê de ética em pesquisa/Ufes, sobre o número CAAE 57836321.1.0000.5542 (Anexo A), trata-se de uma pesquisa qualitativa, que busca analisar e interpretar aspectos que não podem ser quantificados de forma detalhada com descrição, compreensão e avaliação e opõem-se à defesa de um modelo único de pesquisa para ciências.

Em relação aos procedimentos de pesquisa, desenvolvemos essa pesquisa em três fases, sendo primeira fase, a realização de uma revisão bibliográfica da temática escolhida onde também foram analisadas fontes que abordam a temática da dança como conteúdo das aulas de Educação Física e a influência dos marcadores de gênero sobre as formas de dança. Ao mesmo tempo em que o projeto foi avaliado pelo comitê de ética em pesquisa.

A revisão bibliográfica foi realizada por meio de registros disponíveis decorrentes de pesquisas, artigos e revistas, com o objetivo de usar dados e categorias teóricas já registradas. Essa pesquisa utilizou alguns dados e categorias teóricas como fontes de pesquisa do tema a ser pesquisado, a partir das contribuições dos autores e seus estudos analíticos. Conforme Severino (2007) a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, e utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário, no qual buscamos identificar alguns dados pessoais dos participantes da pesquisa e suas experiências durante o ensino médio quanto à/ao: conteúdo dança nas aulas de educação Física, a dança nas atividades extracurriculares na escola e a dança praticada fora da escola. O questionário foi aplicado online via *Google Forms*, e foi compartilhado através de um link enviado por e-mail aos estudantes do curso de Licenciatura Educação Física. Esse recurso foi necessário, pois considerando o momento de pandemia de COVID-19, enfrentamos dificuldades de encontro pessoal com os/as estudantes do curso de educação física licenciatura da Ufes. Para obter o consentimento dos/as participantes, logo no início do questionário havia uma pergunta que teve que ser assinalada a opção de concordar para prosseguir com o mesmo.

A escolha dos participantes foi feita a partir da participação voluntária, e do aceite dado no questionário. Ao todo 46 pessoas com idade entre 18 a 44 anos responderam ao

questionário, dos participantes 77,3% foram homens cis e 22,7% foram mulheres cis (descartadas) mas como essa pesquisa teve como objetivo recolher informações apenas dos estudantes homens cis, esses dados foram descartados. Em relação à orientação sexual, 85,71% são heterossexuais, 11,43% bissexuais e 2,86% homossexuais. Também foi coletado dados relativos à etnia dos participantes, 48,57% parda, 20% preta, e 31,43% branca. Dentre as pessoas que responderam ao questionário 37,14% católicas; 5,71% Evangélica Neopentecostal, 5,71% Evangélica Pentecostal; 2,86% Umbanda e 2,86% Metodista; 28,57% não tem nenhuma religião e 17,14% responderam outras.

Em relação ao período que estão cursando licenciatura em Educação Física, 8,57% responderam que se encontram no primeiro período, 5,71% encontram-se no segundo período; 5,71% encontram-se no terceiro período; 5,71% encontram-se no quarto período; 11,43% encontram-se no quinto período; 2,86% encontram-se no sexto período; 14,29% encontram-se no sétimo período e 20% encontram-se no oitavo período. Sendo assim, obtivemos uma amostra bastante representativa quanto aos períodos que os estudantes estão cursando.

Na terceira fase, foi realizada uma entrevista semi-estruturada na qual os sujeitos falaram sobre as suas lembranças/vivências e ou experiências no processo formativo educacional, mais especificamente, nas aulas de Educação Física escolar vividas no ensino médio que tinham como conteúdo a dança ou ainda experiências com a dança, extracurriculares e/ou fora da escola. A entrevista foi direcionada aos/às estudantes do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Espírito Santo.

A entrevista foi realizada através de coleta de informações relacionadas a um determinado assunto diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados, tratando-se de uma interação entre o/a pesquisador/a e o pesquisado. Diante disso, foram entrevistados estudantes do curso de educação física licenciatura, a fim de compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança entendendo como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio (SEVERINO, 2007).

Diante disso, buscamos através da realização das entrevistas semi-estruturadas compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança entendendo como esta prática corporal é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio. E tivemos também a expectativa de, através das narrativas das vivências no espaço tempo da Educação Física escolar, identificar os tensionamentos que existem no campo da dança e as adequações de gênero nesse processo, bem como, identificar

o que a educação física precisa repensar sobre suas práticas. A fim, de auxiliar aos/às futuros/as professores/as a sensibilizar o seu olhar para meninos que se afastam das aulas de dança abordadas na Educação Física no ensino médio.

A pesquisa foi apenas em relação às experiências do ensino médio devido a necessidade de delimitar o tema a ser investigado, mas no decorrer das entrevistas percebemos que muitos meninos não tiveram experiências com a dança no ensino médio. Entretanto, tiveram no ensino fundamental, e muitos falaram sobre essas experiências nas entrevistas.

Portanto, identificamos os sentidos e significados que implicam pensar e fazer sobre a dança, tanto os dados recolhidos por meio do Google forms quanto os recolhidos por meio de entrevista foram analisados com base em elementos da análise de conteúdos (BARDIN, 2008), principalmente no que diz respeito à existência de recorrências que possibilitam trazer à tona o que há de mais evidente nas falas dos participantes e permitiram realizar inferências. A característica da análise de conteúdos é a inferência. Para Bardin (2008, p. 44), estão no domínio da análise de conteúdo “[...] todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares [visem à] explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação [...]”. Para efeito de organização dos dados, a análise de conteúdos sugere a elaboração de categorias, o que buscamos realizar em nossas análises.

3 GÊNERO E DANÇA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

A dança é uma expressão corporal construída pela humanidade, as pessoas não nascem sabendo dançar, existe um processo de apropriação de saberes em dança que são adquiridos ao longo das experiências da vida. As pessoas não nascem dançando, mas o corpo é o instrumento que materializa e faz com que a dança aconteça, que permite a expressão e a comunicação. A dança enquanto manifestação sociocultural, está fortemente relacionada aos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo. Por ser uma manifestação constituída pela linguagem, os seus discursos e representações fundam e dão sentido à vida social (ANDREOLI, 2010a).

A dança foi uma das primeiras práticas corporais de expressão humana, que uniu o movimento, ritmo e expressão. Acredita-se que os primitivos, já usavam a dança como meio de socialização e comunicação, em rituais religiosos, celebrações sagradas, lutas, e também culto a natureza. Ao longo da história, a dança foi se transformando e ganhando sentidos e se consolidando enquanto manifestação cultural (GUSSO, 1995).

Ao olhar para o passado, é possível identificar que não é recente a participação dos homens no universo da dança, é válido ressaltar que no princípio da história da dança, ela era uma prática predominantemente praticada por homens. Durante muitos séculos, dançar foi uma prática corporal exclusivamente masculina, só mais tarde as mulheres começaram a dançar. Como afirma Faro (1991, p. 15) “É interessante notar que, durante vários séculos, a dança era apanágio do sexo masculino, só muito mais tarde as mulheres passaram a participar ativamente das danças folclóricas”

Dados históricos demonstram que ao longo dos séculos, a dança manifestava sentidos diferentes para aqueles povos que a praticavam. Ela era um aspecto fundamental para muitas sociedades, sendo um meio de expressão muito ligado à religiosidade no princípio. Inclusive, a dança também já foi um meio de expressão muito usada em rituais feitos por soldados antes de irem à guerra, como uma forma de se preparar pedindo proteção e força aos deuses. “Sabemos, por exemplo, que os soldados Romanos executavam antes da cada batalha, danças guerreiras, nas quais pediam apoio de Marte, deus da guerra, para a luta que iriam iniciar” (FARO, 1991, p.15).

Os soldados Romanos não eram os únicos que dançavam. A dança também era um artefato usado como preparo antes da guerra que estava presente na cultura grega, e era fundamental na preparação daqueles homens que eram soldados de guerra. Segundo Souza, os gregos deviam sempre procurar a harmonia entre o corpo e o espírito. E desde a infância os

meninos eram incentivados a se dedicarem a aprender regras e condutas da sociedade, e a dança era fundamental e indispensável na cultura Grega (SOUZA, 2016, p.9).

Segundo Bourcier (2001), na Grécia Antiga a dança era tão estrutural na cultura grega que preparava os homens para as guerras, aqueles que honravam os deuses pela dança eram também melhores em combate. Nessa época a dança tinha um papel muito importante, pois os homens eram instruídos a obedecer a um código comportamental e moral que os diferenciava das mulheres, escravos e estrangeiros. Além disso, a dança tinha um papel religioso e pedagógico, que promovia a comunicação entre humanos e criaturas divinas, além de formar o caráter dos cidadãos (*apud* SOUZA, 2016).

Entretanto, apesar de séculos atrás a dança ser uma prática majoritariamente masculina, usada em rituais pré-guerras, é possível identificar que ao longo da história da dança, que ela foi recebendo significados diferentes. É possível perceber que a dança é uma prática corporal historicamente construída que é afetada pela cultura e também pelas transformações sociais. A linguagem transmitida pela dança pode ser percebida nos gestos e movimentos, por isso, essa manifestação cultural está sempre aberta a novos sentidos. Portanto, entende-se que as condições históricas e sociais que atravessam as representações da dança, promovem um conjunto de possibilidades de representações sobre o corpo que dança (SOUZA, 2007).

Tanto que nesse período anteriormente citado, vemos que à medida que ao homem é permitido dançar às mulheres, houve um tempo em que a dança foi proibida. Por exemplo, a idade média, foi um período em que as mulheres dançavam em salão separado, pois nessa época dançar era uma prática muito mais associada aos homens. A partir da análise da trajetória masculina no mundo da dança, é possível identificar a predominância masculina, nos espaços da alta sociedade onde havia a prática da dança durante a idade média (MORAES et al., 2013).

Inclusive, alguns dos modelos de dança que atualmente são fortemente associados às mulheres, como o ballet, há muito tempo já foram praticados apenas por homens. E apesar de nos dias de hoje, o ballet ser uma prática corporal fortemente relacionada às mulheres, no princípio isso não acontecia, pois não era bem visto pela sociedade da corte a mulher dançar (MORAES et al., 2013).

A partir disso, ao longo da história o ballet clássico foi ganhando outros significados e, com o passar do tempo, esse modelo de dança passou a ser fortemente mais associado às mulheres, devido aos movimentos suaves e delicados realizados nessa dança, e por ser assim passou a ser vista como uma representação cultural feminina.

Segundo Moraes et al. (2013) as mulheres foram chegando aos poucos, pois a dança sempre foi masculina. Essa transformação foi acontecendo a partir do momento em que os homens deixaram de realizar papéis femininos, e começaram a assumir uma postura de masculinidade, influenciados pelo modelo de sociedade burguesa que surgia naquele momento. Isso deve-se principalmente devido a industrialização e a necessidade de conformação de um “novo homem” para assumir as fábricas. Desde então, o homem passou a ter que cumprir o papel de macho, e começou a ser banido de atividades expressivas como a dança, que era considerada uma prática afeminada.

Assim, a partir desse momento, vê-se o afastamento do homem da dança. Devido a essas e outras transformações culturais e sociais que aconteceram ao longo da história, os gestos mais suaves e delicados, como aqueles realizados no ballet clássico, foram sendo considerados inapropriados aos homens, pois estes começaram a atender as imposições sociais de assumir uma postura masculina. E assim, o ballet acabou sendo mais associado às mulheres, o que contribui para uma vinculação da mulher ao modelo frágil o qual são associadas à feminilidade atribuída às mulheres.

Souza (2016) afirma que os movimentos do ballet, foram dominados pela bailarina Marie Taglioni que imprimiu na dança um caráter de elegância, graça e beleza, o que acabou colocando o homem em segundo plano, contribuindo para a ideia equivocada de que o ballet é uma prática corporal do domínio feminino. Todavia, é válido ressaltar que esse pensamento de que dançar é coisa de mulher deve-se a uma valorização das danças hegemônicas como o ballet em relação às demais, e isso contribui para que no imaginário do senso comum, o dançar seja resumido a figura da bailarina clássica.

Segundo Souza (2016) existe um pensamento generalizado sobre o que é a dança, e na maioria das vezes prevalece no imaginário social as danças clássicas como o ballet. Mas vale ressaltar que o ballet é uma das formas talvez menos trabalhadas nas aulas de educação física escolar, e mesmo assim ainda existe uma resistência por parte dos meninos de dançar outras formas de dança.

Nesse sentido, Louro (2004 apud ANDREOLI, 2010) resalta que o corpo é um local de inscrição de diferentes discursos e representações culturais, e os movimentos, os gestos e as posturas corporais são culturalmente diferenciados de acordo com as identidades sociais, que posicionam os sujeitos em contextos sociais particulares, por meio da construção de “marcas corporais”. Compreende-se que a dança não está isenta de ser afetada pelas questões da pedagogia cultural de gênero, que são reproduzidas através da configuração social, na qual são estabelecidas maneiras de usar o corpo (ANDREOLI, 2010a).

De acordo com Andreoli (2010) a dança é uma representação que dá sentido à vida social, utilizando o corpo como instrumento de linguagem que transmite mensagem estética, que é um processo que influencia na construção cultural do corpo. Diante disso, pode ser analisado alguns mecanismos de normatização que aplicam normas de gênero, que contribuem para a formação de características de corpos femininos e masculinos.

As questões de gênero no campo da dança, merecem ser investigadas principalmente na produção brasileira. Sendo assim, há a necessidade de analisar as implicações socioculturais no universo da dança, e refletir sobre como se constituem pedagogicamente as “ masculinidades “ e as “ feminilidades”, e compreender como este fenômeno afeta na produção de corpos específicos e distintos para homens e mulheres, dentro dessa prática social (ANDREOLI, 2010a).

O conceito de gênero foi utilizado inicialmente pelas feministas americanas, que buscavam fundamentar o caráter social das distinções baseadas nas diferenças sexuais. Esse termo foi utilizado para distinguir a cultura da natureza, partindo-se da hipótese, que o sexo estaria vinculado a biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero teria relação com a cultura, e o produto dessa relação seria a pessoa marcada pelo gênero, como homem ou mulher (PISCITELLI, 2009). Nesse sentido, diante da proliferação dos estudos no campo de gênero e sexualidade, o termo “gênero” tornou-se útil para distinguir a prática sexual, dos papéis sociais distintos, que foram atribuídos historicamente aos homens e às mulheres (PISCITELLI, 2009; SCOTT, 2000).

Pinto (2016, p.18) afirma “ a identidade de gênero diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres”. Dessa forma, o gênero pode ser compreendido como uma construção social que contribui para a formação de estereótipos *masculino* e *feminino*, que são determinados a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Para Scott (1995) e Connell (1995) o “gênero” consiste em um processo, no qual as distinções sexuais, são transferidas para dentro das práticas sociais e adquirem significados culturais. O gênero é compreendido, assim, por esses autores como uma ferramenta sociocultural que se dirige aos corpos e determina padrões normativos de feminilidade ou masculinidade. Andreoli (2010b) expõe que, em nossa sociedade, o gênero enquanto um mecanismo cultural, educa homens e mulheres a agirem de determinada maneira, e isso

implica em processos pedagógicos de ensino de comportamentos, atitudes e valores de vida distintas a cada sexo.

Louro (2000) afirma que o corpo se constitui como referência às representações de gênero e sexualidade, que são determinadas a partir de “marcas” biológicas, definidoras da identidade dos sujeitos, e assim há diversas imposições culturais de adequação dos corpos aos critérios estabelecidos por essas “marcas”. A partir dessa lógica, é possível compreender que as masculinidades são corporificadas e vivenciadas pelos indivíduos através de gestos, comportamentos, habilidades físicas, movimentos e uma série de condutas (CONNELL, 1995).

Além disso, Andreoli (2010) também afirma que a estética corporal proporcionada pela dança está mais associada como uma prática corporal em que culturalmente as mulheres têm mais afinidade. Desde cedo as meninas são mais incentivadas a dançar do que os meninos, pois existe um pensamento social muito forte de que seus movimentos e características sejam apropriados para indivíduos do sexo feminino.

Existe uma associação entre a dança e a sensualidade, delicadeza e elegância que são características atribuídas às mulheres, em contrapartida a virilidade está associada a identidade de gênero e a sexualidade de forma cisnormativa e heteronormativa. A dança é considerada imprópria para os homens, pois ela coloca em “risco” a masculinidade, já que, como visto, principalmente a partir da industrialização, os homens foram associados a alguns esportes em que poderiam provar a sua virilidade, e muitas vezes um homem dançar é preciso superar vários obstáculos sociais (BRUNO, 2018). Assim, como afirma Pinto (2016, p.19)

[...] é perceptível que a relação de gênero existente desde o princípio da sociedade na vida do ser humano, ao crescerem seus ancestrais os ensinavam e estimulavam como viver e agir conforme os enquadramentos de seus respectivos gêneros. Eis que, os brinquedos e estímulos oferecidos para meninos, os incitam a ter determinadas condutas masculinas, enquanto para as meninas, os brinquedos e objetos estimulem a ideia de proporcionar a elas a serem donas de casa, neste sentido, estes enquadramentos com que ambos cresçam com a percepção de que não tem outras funções na sociedade a não ser ‘dona de casa’.

Segundo Andreoli (2010) a masculinidade corresponde a uma série de comportamentos e características que são determinados aos homens, esta identidade deve ser “provada” a todo momento através de condutas e comportamentos culturalmente considerados masculinos.

De acordo com Andreoli (2010) a heteronormatividade é um conjunto de características determinadas para produzir corpos heterossexuais, que são determinados por uma série de comportamentos e características determinadas socialmente a homens e mulheres heterossexuais. Dessa forma, a masculinidade é resultado da construção da identidade do gênero de um homem e acaba contribuindo para a existência de uma relação de hierarquia entre a masculinidade e a falta de masculinidade.

Andreoli (2010a) ressalta que o mecanismo cultural de gênero, é responsável por regular o comportamento dos homens, que são pressionados a agir conforme aos padrões de masculinidades, em oposição aos padrões considerados “femininos”. Aos portadores de pênis, é atribuída a concepção de uma identidade masculina, que é associada às características como racionalidade, agressividade, força, dinâmica, em contrapartida às fêmeas, são atribuídas características opostas, como a fragilidade, delicadeza, sensibilidade e passividade (ANDREOLI, 2010a).

Louro (2000) destaca que as normas socialmente impostas também ocorrem no campo da sexualidade. A heterossexualidade é concebida como “natural” e universal, e qualquer desvio é considerado anormal. Segundo Weeks (1999 apud ANDREOLI, 2010a) existe um dispositivo cultural de poder que age através do gênero, a fim de produzir corpos heterossexuais, conhecido como heteronormatividade. Esse dispositivo de regulação de gênero age por meio da censura à sexualidade e legitima a homofobia, acarretando em processos produtivos de desigualdade social.

Nesse sentido, Souza (2007) mostra que as representações de gênero e sexualidade circulam nos diferentes contextos culturais e legitimam práticas tidas como de “homens” e de “mulheres”. Diante do exposto, no mundo da dança, as representações de gênero e sexualidade estão articuladas, e isso implica na relação dos homens com a dança (ANDREOLI, 2010b).

3.1 DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo Soares et al. (1992) a Educação Física no contexto escolar tematiza como conteúdo a Cultura Corporal de Movimento que engloba atividades corporais expressivas como a dança, esporte, jogo e ginástica, considerando seus aspectos sociais, culturais e históricos além da aprendizagem de movimentos e técnicas. Diante disso, a dança faz parte dos conteúdos da educação física escolar que tem uma contribuição de aprendizados referentes a linguagem corporal e o corpo como objeto de expressão e cultura.

As práticas corporais da Cultura Corporal estruturam os conteúdos da disciplina de Educação Física. Diante disso, a partir da vivência dessa variedade de práticas corporais, aos/às estudantes é possibilitado acessarem outras dimensões do conhecimento e experimentarem e ressignificarem suas vivências. O contato com os mais variados tipos de danças, jogos, lutas, esporte relacionados às questões socioculturais permite aos discentes saberes úteis para compreender e lidar com aspectos da vida (SANTOS, 2020).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017) a dança é um dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento que compõem o conjunto de conteúdos da área da Educação Física Escolar, e na etapa do ensino médio as aulas vão além da experimentação de jogos, brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, os estudantes passam a refletir também sobre as práticas corporais enquanto fenômeno histórico, cultural e social.

As práticas corporais podem ser compreendidas como fenômenos culturais que são afetadas pelo contexto social, diante disso uma vez que o conteúdo da Educação Física é constituído por essas práticas corporais, é evidente como os processos corporais posicionam o sujeito no mundo, a partir dos aspectos socioculturais (SANTOS, 2020).

A Educação Física deve proporcionar aos/às estudantes um conjunto de saberes sistematizados, através da prática pedagógica que tematiza os elementos da cultura corporal. É importante que a aula não seja limitada apenas à aprendizagem de técnicas e movimentos corporais, e sim que os conteúdos sejam enfatizados enquanto manifestações culturais, e portanto, que os seus aspectos históricos, sociais e culturais sejam abordados. É fundamental que no processo de planejamento dos conteúdos, sejam levadas em consideração a realidade social a qual a comunidade está inserida, a fim de que a prática pedagógica faça sentido para os/as estudantes e que a construção dos saberes tenha relevância para o crescimento intelectual dos/as mesmos/as (FASOLIN, 2020).

Em meados da década de 60, houve uma tendência nas escolas brasileiras em abordar o esporte competitivo, esse foi um momento em que houve uma grande evolução dessa tendência competitiva no Brasil, devido a busca por “ descobrir” atletas e assim reforçar a nacionalidade brasileira. A maioria das vezes a esportivização está presente no cotidiano das aulas de Educação Física no Ensino Médio, ou seja, da grande variedade de conteúdos que a Educação Física tem a oferecer aos estudantes, é evidente que predominam aqueles de natureza esportiva (FASOLIN, 2020).

Segundo Silva (2013) a Educação Física é uma das disciplinas responsáveis por tratar a dança como conteúdo da cultura corporal nas suas aulas, e essa precisa ser tratada como expressão e linguagem da cultura sendo reconhecida a sua importância para a formação humana. Apesar de ser um conteúdo que desenvolve várias habilidades e promove saberes corporais e culturais, muitas vezes ela não é tratada como um conteúdo, e acaba sendo deixada de lado diante da hierarquia de conhecimentos da escola, pois a educação física durante muito tempo foi uma disciplina deslegitimada na escola devido ao ensino do esporte, essa noção está muito ligada a uma noção cartesiana (SILVA, 2013).

Segundo Altoé (2020) é necessário entender que há razões que dificultam o ensino da dança nas aulas de educação física como: o privilégio do conteúdo esportivo, o preconceito relacionado à participação dos meninos na dança, o fato de culturalmente a dança ter sido associada a uma prática exclusivamente feminina, o afastamento das aulas de educação física especialmente dos/as estudantes do ensino médio para evitar situações constrangedoras, a não participação devido a questões religiosas, hierarquização dos saberes, são alguns dos desafios apresentados para o ensino da dança na escola.

A partir dessa situação de desconforto ou vergonha que muitos/as estudantes têm de dançar, é preciso reconhecer que a juventude é uma fase da vida em que os indivíduos se distanciam mais da família e se aproximam dos seus pares, e partir disso na maioria das vezes a aceitação é algo importante para que eles/as sintam-se parte daquele determinado grupo. Na adolescência o julgamento sobre a aparência assume um peso significativo na vida dos/as jovens que muitas vezes enfrentam sentimentos relacionados a necessidade de autoafirmação e aceitação por parte do grupo (ALTOÉ, 2020).

3.2 GÊNERO E DANÇA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

As questões de gênero atravessam o conteúdo da dança quando abordado nas aulas de Educação Física. No universo das práticas corporais existe ainda uma distinção entre práticas corporais que tem movimentos considerados femininos e outros que são considerados masculinos. Assim, diante dos/as estudantes do ensino médio, a questão de gênero é um dos desafios ao ensinar a dança nas aulas de educação física.

Os/as estudantes do ensino médio, encontram-se em uma fase da vida em que são influenciados pelo modelo de sociedade patriarcal, existe uma representação de imagem masculina associada à virilidade e à coragem, que é muito influenciado pela cultura, muitos se envolvem em brigas e até mesmo em atos de vandalismo. Esse tipo de comportamento

apesar de influenciado muitas vezes pelas injustiças sociais, e expressam descontentamento e a descrença em valores como a solidariedade, entre outros fatores (DAYRELL, 2007).

Essa realidade social, atravessa os muros da escola, pois os/as jovens que chegam à escola são influenciados pelo contexto social. Segundo Dayrell (2007) a juventude é uma categoria dinâmica, que é transformada pelo contexto social e conseqüentemente das mudanças e transformações sociais que ocorrem ao longo da história.

E assim, os/as jovens que chegam ao ensino médio, trazem para o seu interior alguns conflitos presentes na estrutura social, que afetam suas trajetórias e assim colocam novos desafios à escola. As identidades culturais se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis acabam processando, influenciados/as pelo contexto a qual estão inseridos/as e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico (DAYRELL; CARRANO; MAIA; 2014).

Na adolescência o julgamento sobre a aparência assume um peso significativo na vida dos/as jovens que muitas vezes enfrentam sentimentos relacionados a necessidade de autoafirmação e aceitação por parte do grupo (ALTOÉ, 2020). Sendo assim, devido a vergonha e ao medo do julgamento sobre o corpo e alguns movimentos, muitos jovens acabam deixando de participar de danças realizadas nas aulas de educação física. Os conceitos da adolescência e juventude podem ser compreendidos como uma construção social, histórica, cultural e relacional. Ou seja, a juventude é uma categoria socialmente produzida, essa etapa biológica da vida é determinada a partir de representações e sentidos que se atribuem a essa fase da vida (DAYRELL; CARRANO; MAIA 2014).

Devido a vergonha e ao medo do julgamento sobre o corpo e alguns movimentos, muitos jovens acabam deixando de dançar até mesmo nas aulas de educação física. O preconceito relacionado à resistência dos meninos em dança, está intimamente ligado ao preconceito de que dançar não é coisa de homem. Inclusive Altoé (2020, p.74) afirma que “Contemporaneamente, o homem que dança, por vezes, é associado a homossexualidade e à efeminação. Essa forma preconceituosa tem limitado a dança masculina e a participação dos meninos em atividades rítmicas e expressivas”.

A problemática dessa questão está nos diferentes papéis sexuais determinados aos homens e mulheres. Ainda predomina na sociedade, a diferenciação dos papéis sexuais relacionados ao gênero, que atribui à homens e mulheres características distintas. Aos homens e mulheres são impostos modelos de como devem se posicionar socialmente de maneira adequada, dentro desses estereótipos, as mulheres devem se assumir como pessoas frágeis,

sensíveis enquanto os homens devem se ter uma postura dura, insensíveis e por isso não é considerado apropriado realizar alguns movimentos de dança mais suaves (SILVA, 2013).

Kleinubing, Saraiva, Francischi (2013) afirmam que alguns autores discutem e evidenciam como o campo dos esportes foi dominado durante muito tempo pela ideia da inferioridade feminina e da superioridade masculina. Durante muito tempo as mulheres foram associadas a características consideradas femininas como delicadeza, suavidade e sensibilidade, e assim foram negadas às mulheres a possibilidade de vivenciar práticas esportivas.

Se às mulheres foram negadas, por muito tempo, possibilidades e experiências corporais pelos motivos até aqui expostos, aos homens igualmente, outras práticas além das esportivas, são sonegadas, por não lhes ‘caírem bem’ e ‘teoricamente’, pertencerem ao universo feminino. (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI; 2013, p.75).

Segundo Mattos (2014) a Educação Física é uma área que ainda resiste ao modelo de integração de meninos e meninas, proposto pelas aulas mistas que buscam compreender a construção cultural do gênero masculino e feminino. A educação física é uma disciplina que precisa superar os estereótipos sexistas determinados a partir da generificação imposta pela cultura na construção das feminilidades e masculinidades.

Corsino e Auad (2012) afirmam que se não fosse o gênero uma categoria construtora do sexo, talvez não existiria a separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Isso revela como essa divisão cria uma relação hierárquica e desigualdades entre homens e mulheres. A partir dessa perspectiva, são determinadas diferenças entre as habilidades motoras “de meninos” e “de meninas”, a partir da construção de gênero. Diante da problemática a respeito das relações de gênero na Educação Física escolar, esse processo de hierarquização está presente nas aulas de Educação Física. De acordo com Pinto (2016, p. 20):

Na escola há uma grande barreira que separa o mundo das meninas do mundo dos meninos, reforçando a discriminação entre os gêneros, nas aulas de Educação Física uma perspectiva higienista os professores propõem a separação dos alunos para a prática de algumas atividades impedindo de derrubarem uma barreira que impede a possibilidade de inclusão.

A questão de gênero afeta tanto a perspectiva dos alunos a respeito das práticas corporais, que podemos perceber como a dança também é uma prática muito associada às mulheres apenas. Muitas vezes, trabalhar este conteúdo nas aulas de educação física se torna

um desafio, pois muitos meninos se recusam a dançar e muitas vezes desvalorizam esta prática deslegitimando-a enquanto conteúdo das aulas de educação física.

Segundo Altoé (2020) é possível verificar que a dança é trabalhada no contexto escolar, ao longo da vida dos/as estudantes, sendo que em diversos momentos ela é trabalhada no ensino fundamental, e envolve meninos e meninas. Inclusive os resultados da pesquisa de Altoé (2020) apontam que meninos e meninas dançavam em pares, o que também revela a condição estabelecida pelos papéis sociais de meninos e meninas na sociedade. Altoé revela ainda que sim, há uma dificuldade com relação a dança como conteúdo das aulas de educação física relacionada as questões de gênero, pois a dança é uma prática marcada pela adequação de gênero como “ Coisa de mulher”, sendo o homem que dança considerado homossexual ou afeminado, e assim esse preconceito acaba limitando a participação de meninos em atividades físicas expressivas como o dançar.

Pensando nas aulas de Educação Física, a partir da prática da dança encontramos uma barreira, em relação a questão de gênero, pois os estudantes negam a prática da dança por julgarem ser algo do universo feminino, sendo “coisa de menina” ou “ou “coisa de gay”, pois a sociedade nos faz crescer ouvindo que “homens são assim e mulheres são assado” porque é da “ natureza biológica” (PINTO, 2016, p. 20).

Segundo Kleinubing, Saraiva, Francischi (2013) a dança é uma prática corporal que sofre grande influência desse pensar não apenas no âmbito da escola, mas também das academias, e companhias de dança, quanto nas realizadas fora desses espaços, como a escola formal, sofreram grande influência desse pensar. Sendo assim, é possível observar como a generificação das práticas corporais afeta o comportamento dos jovens diante da experiência com a dança, pois muitos deixam de dançar por querer se encaixar no padrão heteronormativo.

Na cultura brasileira, a dança muitas vezes é considerada coisa de mulher. Esse marcador sociocultural atribuído aos gêneros, que naturaliza a ideia de que a dança é “Coisa de mulher”, caracteriza o dançar como uma manifestação corporal inadequada para os meninos/homens, já foi bastante evidenciado no campo dos estudos de gênero e feministas, assim como na Educação Física (ANDREOLI, 2010a; ANDREOLI, 2010b; CONNEL, 1995; LOURO, 2000; SCOTT, 1995; SOUZA, 2007).

Andreoli (2010a) e Souza (2007) A partir desse olhar, a dança pode ser analisada como uma prática corporal, em que os indivíduos são “marcados” por gênero. Os estudos no campo de gênero e sexualidade, demonstram que há uma relação entre a dança, o corpo e o

sensível que convém com o padrão estabelecido pelas representações hegemônicas de feminilidade. Ou seja, a estética proporcionada pela dança é considerada mais apropriada à essência “natural” da mulher. Por outro lado, é considerada inapropriada aos homens, pois coloca em “prova” a masculinidade (ANDREOLI, 2010a).

Souza (2007) destaca que a problemática no universo da dança para o masculino vai além do fato da mesma ser considerada como algo feminino. Entra, também na dimensão da sexualidade, pois ainda é muito recorrente a associação da dança a homossexualidade masculina.

As representações hegemônicas de gênero e sexualidade, implicam na relação dos homens com a dança, tal questão é um certo tipo de barreira social que impede alguns homens de dançarem. Como observa Andreoli (2010b) em alguns estilos de dança as formas de regulação aparecem de formas mais intensificadas, em outras menos. O ballet clássico, devido à estética corporal delicada e graciosa, é considerado uma prática de meninas, do gênero feminino. Pois, remete a sensibilidade feminina, que é uma característica culturalmente considerada própria da natureza das mulheres.

Enquanto algumas modalidades de dança são consideradas inadequadas aos homens, em alguns contextos é legítimo o homem dançar. Desde que, eles dançam os estilos de dança que correspondem aos valores e características consideradas masculinas (ANDREOLI, 2010b). Podemos citar como exemplo as danças urbanas, em que as masculinidades hegemônicas são mais valorizadas. Percebe-se que nesses contextos, é mais bem aceito os homens dançarem, devido ao repertório de movimentos que reafirmam os atributos considerados próprios da masculinidade, como a força, a acrobacia que sempre afirmam a masculinidade hegemônica, o que acaba articulando esse tipo de dança também à homofobia (ANDREOLI, 2010a).

Andreoli (2010b) ressalta que todas as transformações históricas refletem no universo da dança e conseqüentemente na atuação do homem e das mulheres nesse espaço, ao estabelecer atualmente em algumas culturas a concepção de que os homens que se aproximam da dança são menos homens, ou tem a sua masculinidade sob suspeita, enquanto as mulheres que dançam, estão dentro dos padrões sociais em que afirma a feminilidade.

Nesse sentido, compreende-se que na maioria dos contextos em que a dança se faz presente, é possível verificar os atravessamentos das categorias de gênero e sexualidade e até mesmo representações hegemônicas de masculinidades e feminilidades e como elas implicam o pensar e fazer sobre essa arte corporal. Ademais, é possível perceber que a dança ainda é uma prática muito associada às mulheres devido ao marcador sociocultural, que naturaliza a

ideia de que a “dança é coisa de mulher”, que caracteriza alguns tipos de dança como inadequadas aos homens. Contudo, nota-se que em alguns contextos é legítimo o homem dançar, principalmente em modalidades de dança em que a estética reforça os estereótipos de movimento considerados masculinos.

4 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE AS SUAS EXPERIÊNCIAS COM A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

4.1 O QUE DIZEM OS PARTICIPANTES SOBRE A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DOS DADOS PRODUZIDOS VIA GOOGLE FORMS

Para analisar como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio, foi preciso selecionar apenas estudantes homens cis do curso de licenciatura educação física. Diante disso, na segunda etapa da pesquisa foi aplicado um questionário online via *Google Forms*, para obter alguns dados pessoais e informações sobre as experiências com a dança.

A partir do levantamento realizado no Google Forms foi possível identificar que a maioria dos participantes não teve no seu ensino médio o conteúdo da dança trabalhado nas aulas de educação física. Dos participantes, 82,86% disseram que não foi trabalhado no seu ensino médio o conteúdo da dança nas aulas de educação física. Apenas 17,14% dos entrevistados responderam que tiveram contato com o conteúdo dança nas aulas de educação física. Esses dados demonstram como a dança é um conteúdo marginalizado na escola, e como é pouco prestigiado enquanto conteúdo específico da Educação Física escolar.

Dos entrevistados que responderam que tiveram a dança como conteúdo nas aulas de Educação Física, todos disseram que participavam das aulas quando o conteúdo era dança. Entretanto, dos seis que responderam “sim”, três destacaram que a dança só era abordada no âmbito da educação física no período de ensaios para a festa junina, datas comemorativas ou outros eventos escolares.

A maioria dos participantes responderam que tiveram experiências com a dança mesmo que informalmente (bailes, boates, etc.) fora do ambiente escolar, como se vê: 68,57% dos participantes, responderam que tiveram experiências com a dança fora do contexto escolar, e 31,43% responderam que não tiveram experiências com a dança fora do contexto escolar.

Ao final do questionário teve uma questão em que o participante teve que assinalar, uma das alternativas sobre o que eles concordaram na época que cursava o ensino médio. 51,43% marcaram que meninos e meninas podem dançar qualquer tipo de dança; 20% marcaram que dança é coisa de meninas; 17,14% marcaram a afirmativa meninos podem dançar com as meninas as danças de salão; 8,57% marcaram a afirmativa de que meninos não dançam ballet e 2,86% marcaram a afirmativa de que eu só ouço a música e deixo o corpo

seguir. Esses dados revelam como a dança ainda é marcada pelos preconceitos de gênero, apenas metade dos participantes marcaram a opção de que meninos e meninas podem dançar qualquer tipo de dança.

Ao final do questionário, perguntamos aos estudantes, quais teriam interesse em participar de uma entrevista com intuito de aprofundarmos o conhecimento sobre suas experiências. Desses, treze estudantes disseram que teriam interesse. As análises das entrevistas realizadas são apresentadas no tópico seguinte.

4.2 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES ENTREVISTADOS SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS COM A DANÇA

Na terceira etapa desta pesquisa foram realizadas entrevistas com treze estudantes, a fim de melhor compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança entendendo como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio. Como visto na metodologia, considerando as recorrências encontradas nas entrevistas realizadas, percebemos as seguintes categorias: a) A predominância do conteúdo esportivo nas aulas de educação física e a dança como conteúdo extracurricular: mais do velho fazer docente?; b) As experiências com dança na escola: as Artes entram em cena! c) O preconceito relacionado à participação dos meninos na dança: o que a EF faz a respeito? d) O contato tardio com a dança; e) Timidez, vergonha ou uma questão de gênero?

4.2.1. A predominância do conteúdo esportivo nas aulas de educação física e a dança como conteúdo extracurricular: mais do velho fazer docente?

Entre as narrativas dos estudantes entrevistados do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, foi possível identificar elementos como a predominância do conteúdo esportivo nas aulas de Educação Física e a dança como conteúdo extracurricular que aparece apenas em datas comemorativas ou em eventos escolares. Estes elementos parecem confirmar as análises apresentadas por diversos/as autores/as que estudam a dança como conteúdo na disciplina de Educação Física (BRASILEIRO, 2003; SILVA, 2013; ALTOÉ, 2020;).

A partir do levantamento realizado no Google Forms foi possível identificar que a maioria dos participantes não tiveram no seu ensino médio o conteúdo da dança trabalhado nas aulas de Educação Física. As respostas obtidas no questionário demonstraram que as

experiências que os estudantes tiveram com a dança, aconteceram principalmente nas atividades extracurriculares na escola e também fora do contexto escolar.

Apesar de não ter contato com a dança como conteúdo, a maioria dos estudantes tanto no questionário (como visto) e nas entrevistas tiveram experiências com a dança no contexto escolar em festividades e datas comemorativas. Dentre os questionários devolvidos com as respostas, tivemos apenas um estudante que afirmou ter tido o conteúdo “dança” nas aulas de Educação Física no Ensino Médio; os demais afirmaram que a dança só era abordada no âmbito da Educação Física no período de ensaios para a festa junina, datas comemorativas ou outros eventos escolares. Esse é um dado interessante, pois a maioria dos participantes responderam que tiveram experiências com a dança mesmo que informalmente (bailes, boates, etc.) fora do ambiente escolar e afirmaram que têm uma relação boa com a dança.

A entrevista com os estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física, permitiu-nos relacionar com estudos existentes da Educação Física que se articulam aos estudos da dança como conteúdo curricular, bem como mapear atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança, identificando como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio, as quais podem ser evidenciadas nesses fragmentos:

Eu tive um bom professor no ensino médio, não era só um professor de rola bola, mas ainda assim era um professor que focava muito em esportes coletivos, o vôlei, o handebol, o futebol, aí algumas vezes ou outras que a gente já tinha algumas práticas envolvidas com outras áreas (LUCIANO, 2022).

Como pode ser observado, quando questionados sobre como eram as suas memórias a respeito da EF no ensino médio, a maioria dos estudantes alegaram que a esportivização dos conteúdos esteve bastante presente. Além disso, ao analisarmos melhor essas experiências, é possível identificar também que, geralmente, as aulas de EF resumem-se ao ensino das modalidades esportivas mais tradicionais na EF como: Futebol, Futsal, Voleibol, Handebol e Basquetebol. Podemos confirmar isso, nos seguintes trechos das entrevistas com alguns dos estudantes:

[...] lembro que eram muito assim [...] os quatro chefes da educação física, basquete, vôlei, futebol[...] os quatro não, vou falar os três porque nem handebol a gente via muito [...] (VITÓRIO, 2022).

Todas as aulas foram em quadra, foram muitas poucas vezes que eu tive aula teórica, foi mais basquete, vôlei, futebol, handebol e queimada (PAULO, 2022).

É [...] na grande maioria do tempo a gente tinha aulas tradicionais, infelizmente tradicionais que eram aquelas aulas mais 'largadas', então " Hoje é futebol, jogar bola", "Hoje é vôlei, joga vôlei", tipo bem tradicional mesmo, no geral né [...] (JOÃO, 2022).

Não queremos aqui negar o valor do conteúdo esportivo para os estudantes, mas é válido ressaltar que infelizmente quando as aulas são resumidas ao conteúdo dos esportes coletivos, não são apresentadas a variedade de conteúdos específicos da área. É importante enfatizar que as aulas de Educação Física não devem se limitar apenas ao ensino dos esportes, principalmente diante da diversidade de conteúdos da Cultura Corporal de Movimento.

Sendo assim, a Educação Física deve proporcionar aos alunos um conjunto de saberes sistematizados, através da prática pedagógica que tematiza os elementos da cultura corporal. É importante que a aula não seja limitada apenas à aprendizagem de técnicas e movimentos corporais, e sim que os conteúdos sejam enfatizados enquanto manifestações culturais, e portanto, que os seus aspectos históricos, sociais e culturais sejam abordados. É fundamental, que no processo de planejamento dos conteúdos, sejam levadas em consideração a realidade social a qual a comunidade está inserida, a fim de que a prática pedagógica faça sentido para os estudantes e que a construção dos saberes tenham relevância para o crescimento intelectual dos/as estudantes (FASOLIN, 2020).

Diante disso, percebemos que muitas vezes a Educação Física não tem cumprido o papel de proporcionar aos/às estudantes saberes sistematizados das variadas práticas corporais da cultura corporal. Em uma das entrevistas, um estudante alegou que em suas experiências os alunos ficavam livres na quadra para praticar os esportes que quisessem nas aulas, e na maioria das vezes os esportes praticados no momento da aula de educação física, resumiam-se aos esportes e jogos com bola. Vejamos isto na seguinte fala do Aruan:

E as aulas de educação física, em si, não tinham um padrão muito grande, era uma variedade de práticas numa mesma aula. Sendo que essas práticas eram basicamente voltadas para esportes e jogos com a bola no espaço disponível na quadra (ARUAN, 2022).

Nesse outro fragmento da entrevista do Vicente, é possível notar que apesar de passar outros conteúdos esportivos o foco do professor era apenas voleibol.

Era mais do mesmo, eram práticas de vôlei, mas vôlei mesmo porque minha turma sempre, desde do primeiro período sempre gostou de vôlei, quando o professor passava outras atividades, ele passava um handebol, futsal, basquete mas o nosso foco era o vôlei, e era meio que livre, ele não aborda nenhum tema de outras áreas (VICENTE, 2022).

Como podemos ver no trecho a seguir, da entrevista do Fernando, as suas experiências com a educação física no ensino médio, também foram basicamente com as quatro modalidades tradicionais de esportes coletivos e apenas no terceiro período ele teve contato com uma modalidade esportiva diferente. Além disso, o ensino desses conteúdos foi limitado apenas à aprendizagem dos fundamentos e práticas desses esportes, é o que podemos ver no seguinte fragmento:

Então, no primeiro período [trimestre] a gente tinha futsal e vôlei, no segundo período [trimestre] foi basquete e handebol, e no terceiro período [trimestre] atletismo, e era basicamente só o fundamento e prática mesmo desses esportes (FERNANDO, 2022)

Na fala do Fernando, percebemos que além da esportivização, a Educação Física tinha um viés de treinamento, em que esporte era reduzido apenas a realização dos fundamentos e não como um fenômeno sociocultural. De acordo com, Fasolin, 2020:

As aulas de Educação Física não existem para fixar a gestualidade de uma manifestação que os alunos nem conhecem, mas, sim, para tematizá-la, o que significa realizar variadas atividades. Até mesmo quem não quiser vivenciá-la, poderá envolver-se de outra maneira, oferecendo condições para que todos possam ler as práticas corporais, posicionar-se sobre elas, recriá-las e, o mais importante, ampliar o modo de significá-las (p.57).

A partir dos fragmentos apresentados, ficou evidente que existe uma priorização do conteúdo esportivo em detrimento dos outros, e muitas vezes são esquecidas os demais conteúdos da cultura corporal. Esse fato ficou evidente no seguinte trecho de uma fala do Miguel:

Nesse período eu achava que era bem divertido né, porque eu trabalhava muito com os esportes e tal, e eu sempre me identifiquei muito, e isso foi até um dos motivos de

eu estar aqui hoje, mas aí a gente vai estudando e vai percebendo que tem muito mais né [...] Mas os conteúdos eram mais esportes mesmo [...]" (MIGUEL, 2022)

Observamos nesse fragmento da entrevista do Miguel, que o seu professor de Educação Física trabalhava predominantemente com o conteúdo de esportes, mas como ele se identificava muito com esse conteúdo, as aulas de tornavam-se prazerosas para ele, sendo esse inclusive, o motivo dele escolher o curso de Educação Física. Mas o entrevistado também afirmou, que depois de entrar na Universidade e começar a estudar, aprendeu que a EF tem muito mais conteúdos e não apenas esportes. Infelizmente é isso que acontece quando as únicas experiências que os/as estudantes têm nas aulas de Educação Física são com o conteúdo esportivo, muitos só têm a oportunidade de conhecer e vivenciar a variedade de práticas corporais da Cultura Corporal de movimento, só ao entrar no curso de Educação Física.

Além disso, se por um lado alguns estudantes afirmam gostar de participar das aulas devido a afinidade com o conteúdo esportivo, por outro lado, aqueles/as que não possuem tanta afinidade com esse conteúdo, acabam tendo uma experiência desagradável, quando não são oferecidas nas aulas de Educação Física, experiências corporais além daquelas vivenciadas nos esportes. Esse fato, faz com que estes tenham uma experiência ruim com a disciplina de Educação Física. Verifica-se isso, nesse trecho da fala do Gabriel:

A minha disciplina de educação física nesse período foi bem ruim, pois o professor não passava muitas formas de exercícios para nós[...] ele só mesmo passava futebol (GUTO, 2022)

A motivação em participar das aulas está diretamente relacionada ao conteúdo. Diante disso, vale a pena lembrar, que muitas vezes o esporte é tratado a partir de um viés competitivo, e isso é um fator que afeta a participação e motivação dos alunos pela aula. Pois, geralmente os alunos que ficam motivados, são aqueles mais habilidosos, enquanto aqueles que se acham menos capacitados para respectivos esportes, acabam ficando desmotivados e muitas vezes até excluídos das aulas (FASOLIN, 2020).

A Educação Física faz parte dos componentes curriculares da escola, e assume o papel de proporcionar aos/às estudantes saberes a respeito dos aspectos culturais relacionados às vivências corporais, sendo esses ressignificados de acordo com o contexto escolar, permitindo aos/às estudantes aprender por meio das práticas corporais, um movimentar-se social e cultural construída historicamente. Diante disso, é válido ressaltar que no contexto escolar, a

Educação Física trata pedagogicamente os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, que engloba atividades corporais expressivas como a dança, esporte, jogo e ginástica, considerando seus aspectos sociais, culturais e históricos além da aprendizagem de movimentos e técnicas (SOARES et al., 1992).

Segundo Santos (2020) as práticas corporais da Cultura Corporal estruturam os conteúdos da disciplina de Educação Física, a vivência dessa variedade de práticas corporais, permite aos/às estudantes acessarem outras dimensões do conhecimento e a experimentarem e ressignificarem suas vivências. O contato com os mais variados tipos de danças, jogos, lutas, esporte relacionados às questões socioculturais permite aos discentes saberes úteis para compreender e lidar com aspectos da vida.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica, tem a função de desenvolver pedagogicamente os mais variados conteúdos, a fim de apresentar as diversas práticas corporais enquanto manifestações socioculturais, desenvolvendo assim um espaço de ressignificação, compreensão e análise das mesmas. Diante disso, as danças, os jogos, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias constituem o universo das práticas corporais, que possibilitam a educação física apropriar-se de uma variedade de manifestações culturais (SANTOS, 2020).

Para proporcionar aos/às estudantes condições de ensino mais significativas, é necessário que o/a professor/a de Educação Física problematize as práticas corporais presentes no cotidiano dos discentes, a fim de aproximar a escola da comunidade conectando assim, os estudantes com a sua realidade. Dessa forma, é necessária a sistematização dos conteúdos, a fim de legitimar a Educação Física no currículo escolar, valorizando-a enquanto componente curricular que promove aprendizagem significativa aos/às estudantes (SANTOS, 2020).

Diante disso, percebe-se que o privilégio dos conteúdos esportivos é uma das diversas razões que dificultam o ensino da dança nas aulas de educação física. A partir da perspectiva da Cultura Corporal de Movimento, a dança faz parte dos conteúdos a serem trabalhados pela educação física, sendo reconhecida como expressão corporal e como linguagem. Contudo, apesar da dança fazer parte desses conteúdos, ela ainda disputa espaço como outros conteúdos que foram privilegiados, diante da hierarquia entre os conhecimentos a serem ensinados na escola (SILVA, 2013).

A partir da análise dos dados do formulário e das entrevistas, ficou evidenciado que a maioria dos estudantes entrevistados não teve contato com o conteúdo “dança” na EF. Diante disso, apenas um dos treze entrevistados, relatou ter tido experiência com o conteúdo da dança nas aulas de educação física no ensino médio e relatou inclusive, que isso lhe causou um certo “estranhamento”, pois ele não imaginava que a dança poderia ser abordada enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física. Vejamos o que ele disse:

No segundo ano eu tive um pouco de forró, ele até tinha levado uma convidada para a gente dançar um pouco de samba, se eu não me engano era samba. Eu sempre fui aberto para a prática, é claro que na hora que ele falava " não vai ser futebol", eu ficava desanimado [...] eu sempre praticava, mas confesso que tinha uma decepção quando não era o esporte, pelo hábito, costume de sempre algum professor chegar com a bola (LUCIANO, 2022).

Percebe-se que os próprios alunos vão se acostumando com os conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física, e quando tem algum outro tipo de prática isso causa estranhamento ou decepção, no caso do entrevistado, ele acredita que isso deve-se ao hábito de sempre ser ofertado o conteúdo dos esportes. Além disso, essa forte presença do conteúdo esportivo, pode ter relação com o fato de a disciplina de Educação Física ter se legitimado na escola por meio do conteúdo esportivo. Segundo Silva (2003) o fato de o conteúdo do esporte ter sido responsável por legitimar a importância da educação física na escola, é um dos aspectos que dificulta o conhecimento específico do conteúdo da dança, de se legitimar e se estabelecer como conteúdo nas aulas de educação física.

Apesar de sabermos que muitos professores/as de EF vem buscando enfrentar essa questão e diversificar os conteúdos das aulas, ainda é muito presente a ideia de que para se ministrar aulas de dança, como forma de diversificar, por exemplo, na escola é preciso um lugar especial para a realização da prática. Brasileiro já afirmava em artigo escrito em 2003 que:

No que se refere à questão estrutural, quando pensamos em dança, automaticamente, imaginamos uma sala ampla, com piso liso e espelhos por todos os lados, e acompanhada de um som de boa qualidade - da mesma forma que, tratando-se de esportes, pensamos em quadras sem buracos, com cobertura e demarcação de todas as modalidades esportivas. Essa, sem sombra de dúvidas, não é a realidade das escolas públicas estaduais. O interessante, porém, é que, apesar da estrutura indesejada das quadras, continuamos a tratar o conteúdo esportivo, com seus limites, é claro, e o mais intrigante é que a quadra virou sinônimo de aula de Educação Física. É importante reconhecer ainda que, em muitas escolas, nem quadra existe, ficando as aulas restritas a espaços como paio, ruas ou praças (BRASILEIRO, 2003, p. 48).

Esta não parece uma realidade superada ainda na atualidade. Certamente não somente por essa alegação de falta de espaço, mas pelo fato de que nas respostas obtidas no questionário e nas entrevistas, a maioria dos estudantes, a partir das suas memórias da disciplina da educação física no ensino médio, alegaram que não tiveram a dança como conteúdo. Diante disso, foi possível perceber que a dança na escola é abordada na maior parte das vezes, como conteúdo extracurricular e não como conteúdo específico da Educação Física.

Diante do exposto, nota-se que a dança na maioria das vezes é utilizada como fim de apresentações escolares, e não é uma prática protagonista nas escolas. Até quando é abordada nas próprias disciplinas de artes e Educação Física, a dança é descontextualizada da discussão cultural (BRASILEIRO, 2003). Nesse fragmento da entrevista podemos perceber que a forma como a dança é tratada na escola, ela acaba sendo usada como meio de entretenimento e atividades em eventos ou datas comemorativas, e não como conhecimento específico.

Não, a gente nunca chegou a ter uma aula de dança. O contato maior que a gente tinha com a dança era a festa junina, mas não era o conteúdo de dança, eram ensaios em que o professor passava os passos (VITORIO, 2022).

A partir dessa realidade, as respostas do questionário e as entrevistas com os estudantes, revelaram que, geralmente, as suas experiências com a dança no contexto escolar, se davam eventualmente em algumas datas dos anos, e resumia-se em aprender os passos para apresentar uma determinada coreografia. Na fala a seguir é possível identificar essa realidade, percebe-se que a dança no ensino médio e ensino fundamental está fortemente relacionada aos preparos para a festa junina:

Então, a dança na Educação Física, não só no ensino médio mas como no fundamental também, era muito ligada a festa junina né, no caso a dança da quadrilha né. E aí, todo ano tinha o evento da quadrilha. E aí o professor ou a professora organizava a gente para poder dançar só que acredito que era um conteúdo mas não se aprofundava muito e ficava só nessa questão (MIGUEL, 2022)

Diante desse relato, percebemos que o professor tratava dança na Educação Física, mas eventualmente, como fim nas apresentações da festa junina. Além disso, observa-se que todo ano, a mesma dança era trabalhada, no caso a quadrilha, e não tinha nenhuma intenção pedagógica em relação a essa dança enquanto conteúdo específico da cultura corporal. Na entrevista, o próprio estudante afirmou que o conteúdo “dança” não era aprofundado e quando passava a época das festividades a dança também acabava. Isso revela como as danças são

tratadas nas atividades extracurriculares, acabam aparecendo eventualmente na escola e muitas vezes como uma espécie de entretenimento. Mas vale a pena ressaltar que as danças nas atividades extracurriculares, também não contemplam todos os estudantes, muitos não participam das apresentações, principalmente a quadrilha por questões religiosas.

Segundo Altoé (2020) a quadrilha é uma manifestação que está fortemente presente na nossa cultura, é muito difundida nas escolas e os estudantes têm contato com essa dança desde o ensino fundamental. Por ser indispensável nas tradicionais festas juninas, ela também se configura como uma das principais mudanças experimentadas nas escolas, e muitas vezes é a “porta de entrada” para a representação da cultura popular no ambiente da escola. Todavia, é um problema quando apenas o clima dos festejos juninos impulsionam a presença da dança no contexto escolar.

Nos seguintes relatos, notamos que a maioria das experiências que os estudantes tiveram com a dança na escola, foram decorrentes de atividades extracurriculares, a partir das datas comemorativas, nas famosas “dancinhas” de dia das mães, dia dos pais e principalmente a festa Junina.

Então, lá no Pio XII, eles só trabalham a dança mesmo em datas comemorativas né, principalmente, festas juninas, se não me engano perto do dia das mães. Então assim[...] quando eu entrei no ensino médio, tava já tendo uma tendência a um ensino médio sair dessa vertente, mesmo que fosse já pouco, porque eles vão retirando a educação física do currículo principal né, no terceiro ano mesmo eu não tinha educação física por exemplo, mas no primeiro e segundo ano ainda tinha mas não era assim, tão participativo, então quando eles viam e a taxa de pessoas que estavam participando estava muito menor eles focaram muito mais no fundamental (JOÃO, 2022).

Então, em aulas específicas eu nunca tive um conteúdo de dança [...] era sempre para datas comemorativas ou algo do tipo, fora isso eu nunca tive nada assim, na escola. Era sempre uma dança que a turma fazia para as datas comemorativas, fora isso eu nunca tive mais nada (FERNANDO, 2022).

Altoé (2020) afirma que diante do acervo cultural que as danças brasileiras oferecem, muitas só ganham visibilidade nas festas escolares, nas “dancinhas”, e assim as aulas de educação física, proporcionam tempo e espaço para ensaios, e essas “dancinhas” vão se confirmando. Dessa forma, professores/as de Educação Física, acabam apenas

desempenhando o papel de coreógrafos, ao produzir e ensaiar coreografias, a fim de serem apresentadas nas festas e comemorações escolares.

Segundo Silva (2013) a Educação Física é uma das disciplinas responsáveis por tratar a dança como conteúdo da cultura corporal nas suas aulas, e essa precisa ser tratada como expressão e linguagem da cultura sendo reconhecida a sua importância para a formação humana. Entretanto, a dança tem sido um conteúdo pouco significativo, não devido pela ausência da dança na escola, mas sim devido a falta de uma abordagem mais aprofundada desse conteúdo. Nesse outro fragmento, também ficou evidente que a dança não era abordada de forma significativa:

Não, de dança, eu não tive absolutamente nada, a única experiência que eu tive de dança na escola foi no São José, que por ser uma escola de cunho confessional, católica eles tinham o hábito de organizar anualmente a festa junina mas isso não acontecia no âmbito da educação física, isso acontecia de forma paralela, principalmente para os alunos da noite que não tinham a disciplina, isso acontecia de forma a parte né. Mas fora isso, no contexto de dança, nem no Pio XII nem no Godofredo houve nenhum tipo de movimentação quanto a isso não (ANDERSON, 2022).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017) a dança é um dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento que compõem o conjunto de conteúdos da área da Educação Física Escolar. Na etapa do ensino médio as aulas vão além da experimentação de jogos, brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, os estudantes passam a refletir também sobre as práticas corporais enquanto fenômeno histórico, cultural e social. Sendo assim, a educação física possibilita aos estudantes vivenciar movimentos e a gestualidade em práticas corporais de diferentes grupos culturais e também analisar os discursos e os valores associados a elas, bem como os processos de negociação de sentidos que estão em jogo na sua apreciação e produção.

Sendo assim, é importante salientar que a dança quando tratada como conteúdo nas aulas de Educação Física ampliam as possibilidades do acesso a diversidade de conhecimentos das práticas da Cultura Corporal de Movimento, ao ser problematizada e ressignificada na escola, essa manifestação cultural, contribui para a superação de determinados estereótipos que perpassam as diversas práticas corporais (ALTOÉ, 2020).

Diante disso, é evidente que devido a hierarquia de conhecimentos presente nas escolas, a dança é um conteúdo que tem sido negado aos estudantes, e estes estão perdendo a oportunidade de vivenciar a dança na escola enquanto um fenômeno sociocultural e conseqüentemente de apropriar-se desse conteúdo tão relevante.

4.2.2. As experiências com a dança na escola: as Artes entram em cena!

A partir da análise das entrevistas realizadas com os estudantes, evidenciamos que muitos tiveram experiências com a dança na escola, na disciplina de Arte. Com base na análise dos dados, a disciplina de artes foi citada por alguns dos entrevistados. Como podemos ver, o Paulo relatou que apesar de não ter contato com o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física, a matéria de arte proporcionou a vivência com essa prática corporal.

Então, na educação física, e dança foi zero, e dança na escola foi só na matéria de artes (PAULO, 2022)

Segundo Altoé (2020) o conteúdo da dança aparece minimamente no ensino do componente curricular da Educação Física, sendo trabalhado menos ainda do que no componente curricular de Arte. É o que é apontado também nesse fragmento da entrevista do Fernando:

Então, dança em educação física eu nunca tive, nunca tive nada e nenhum tópico relacionado com a dança na educação física, acho que talvez na disciplina de artes, acho que tive alguma coisa de dança [...] mas na educação física mesmo nunca tive não (FERNANDO, 2022).

Aí foi o que eu falei, a gente dançou sempre mais na matéria de artes, e nas apresentações do 9º ano (ensino fundamental), 1º ano e 2º ano (ensino médio), não foi no meu ano de pandemia então eu consegui dar nos três anos (PAULO, 2022).

Percebemos no trecho da entrevista do Fernando que ele nunca teve nenhuma experiência com a dança na disciplina de Educação Física, nem mesmo como fim, em apresentações escolares, como foi citado por outros estudantes entrevistados. Além disso, uma parte dos entrevistados também relataram ter tido o contato com a dança em atividades extracurriculares culturais durante sua trajetória no ensino médio, em musicais, apresentações de teatro e saraus. Vale salientar ainda, que esses estudantes afirmaram que gostavam de dançar e sentiam prazer em participar dessas atividades.

No fragmento a seguir entrevista do Paulo, ele relata que no seu ensino médio participou de um musical que era trabalhado todos os anos na disciplina de artes:

[...] no ensino médio aqui no múltipla a gente faz um musical, a gente tinha uma equipe de coreografia e eu era dessa equipe de coreografia, essa foi minha experiência com a dança [...] No terceiro período [trimestre] além das provas, a gente faz tipo um musical mesmo envolvendo o nono, o primeiro e segundo ano (ensino médio) e aí é definido um tema e a gente trabalha o ano todo na matéria de artes, em cima desse tema e no final do ano a gente apresenta, e eu participava. (PAULO, 2022)

Podemos perceber que o Paulo participava dessa atividade cultural extracurricular proporcionada pela disciplina de artes, em que ele inclusive afirmou ter participado todos os anos. Como visto em seu relato, a dança estava presente nesse musical trabalhado na disciplina de arte e ele fazia parte da equipe de coreografia, onde ele relatou ter tido experiência com a dança.

Nas entrevistas, a maioria dos entrevistados afirmou que gostava de dançar e que tinha uma boa relação com a dança, mas a grande maioria não teve acesso a essa manifestação corporal nas aulas de educação física, e apenas alguns citaram que tiveram experiências com a dança no campo da arte. Diante do exposto, não podemos negar que os projetos extracurriculares são espaços importantes de experiência com a dança na escola, entretanto a sua presença como saber planejado, contextualizado e desenvolvido pelas disciplinas ainda tem pouco espaço na escola (ALTOÉ, 2020).

Quando questionado sobre como foram suas experiências no contexto escolar, fora das aulas de educação física, o entrevistado Aruan também afirmou ter vivenciado a dança em um sarau que era realizado pela professora de Arte da escola. Ressaltou que foi uma experiência bem marcante. Vejamos o que ele disse nesse trecho da entrevista seguir:

É, além dessas duas experiências do sarau, que foram experiências bem marcantes, a primeira foi movida mais pela questão da nota, porém ao realizar nós percebemos o quanto foi legal ensaiar e apresentar para os pais [...] Eu me lembro de uma experiência, relacionado a uma apresentação para o dia do congo, uma experiência também organizada pela professora de artes, que mostrou alguns movimentos pra gente da dança do congo, nos vestiu a caráter e nós fizemos uma apresentação de dança para outras pessoas da turma (ARUAN, 2022).

No primeiro momento ele afirma que a sua motivação em participar deu-se apenas em decorrência do caráter avaliativo do sarau, entretanto depois ele percebeu que foi boa a experiência de ensaiar a apresentar para os pais.

A segunda experiência relatada por ele também, foi uma experiência com o congo, que organizada pela professora de Arte, que demonstrou alguns movimentos do congo e realizaram uma apresentação de dança na escola. Diante disso, tivemos a impressão de que até

mesmo, quando abordada pela disciplina de Arte, o conteúdo da dança muitas vezes é trabalhado de forma esporádica.

Segundo Brasileiro (2003) a dança está situada desde 1971 como unidade da disciplina de Educação Física. Entretanto, ela é minimamente abordada em festividades e datas comemorativas e como componente folclórico no âmbito escolar, seja na Educação Física ou pela disciplina de Arte, sendo raramente valorizada por ter conhecimento próprio e uma linguagem expressiva específica.

Pareceu-nos nas entrevistas que, assim como na disciplina de Educação Física, a dança na disciplina de arte é muitas vezes abordada como fim para as apresentações de dança, em eventos como Saraus, Teatros e Musicais, ou seja como meio de entretenimento. Como afirma Brasileiro (2003), no âmbito escolar, a dança é descontextualizada sendo as aulas de Artes e Educação Física utilizadas para disponibilizar tempo de ensaio para as apresentações.

Podemos perceber também nesse fragmento da fala de outro entrevistado, quando realizada a pergunta sobre suas experiências no âmbito escolar fora das aulas de educação física, ele relatou ter participado de uma apresentação de dança em uma peça teatral realizada na escola durante o ensino médio:

Já quando era pequeno sempre que tinha né, e salesiano era muito pouco, mas teve teatro no segundo ano do ensino médio que era ciclo da vida e foi maravilhoso, a gente fez todo um musical, literalmente foi um High School Musical que a gente fez desde da história nascendo até o fim da vida e eu participei desse evento [...]
(ISAQUE, 2022)

Quando questionados sobre a situação da ausência da dança, como conteúdo nas aulas de Educação Física, os/as professores/as alegam que a falta de conhecimento e domínio, falta de materiais específicos e a existência de preconceitos por parte dos alunos em relação aos exercícios desse conteúdo. Diante disso, muitos professores acreditam que a falta de conhecimento é um dos motivos pelo qual a dança não é tratada como conteúdo nas aulas de educação física, muitos professores se consideram incapazes de ensinar a dança, pois alegam que não tiveram formação suficiente e carecem de conhecimentos. Outra questão que tem sido usada como justificativa para explicar o fato do ensino da dança ser negligenciado nas aulas de Educação Física, é a ausência de espaço e recursos adequados (SILVA, 2013)

Segundo Silva (2013) e Brasileiro (2003) muitos afirmam que as escolas não tem um espaço físico adequado e recursos, a autora afirma ainda que essa ideia está vinculada a

associação da dança a forma homogeneizante do ballet clássico, e por isso muitos professores/as acreditam que precisam de ter uma sala especial, com espelhos e som de alta qualidade para ensinar a dança na escola. A autora afirma que devemos sim lutar pela qualidade e estrutura da escola, para cumprir nosso papel político-pedagógico, mas a escola não ter uma sala especial de dança não pode impedir que o ensino da dança seja tratado pelos/as professores de educação física.

A timidez e o preconceito também são aspectos que segundo Altoé (2020), dificultam o ensino da dança na escola. E o preconceito se dá quando alguns alunos “desconhecem” alguma dança, ou então quando os meninos pensam que “dança é coisa de meninas”, inclusive muitas vezes até a própria família veta a participação de alguns estudantes devido a discriminação dada pelas diferenças de gênero (SILVA, 2013; ALTOÉ, 2020; ANDREOLI, 2010a).

4.2.3. O preconceito relacionado à participação dos meninos na dança: o que a EF faz a respeito?

A partir dos relatos sobre suas experiências escolares e não escolares com a dança durante a trajetória do ensino médio, foi possível analisar que a maioria dos estudantes do curso de licenciatura educação física da Ufes, tiveram nenhum contato com o conteúdo da dança nas aulas de educação física sendo (82,86%) , mas dos estudantes que tiveram contato (17,14%), todos afirmaram que participavam das aulas de Educação Física quando o conteúdo era a dança, e não tinham nenhum problema em participar das aulas. Dos seis participantes que afirmaram participar das aulas, a metade ressaltou que a dança só era tratada nas aulas de educação física a fim de ensinar para festa junina, apresentações em datas comemorativas e eventos escolares. No formulário também houve uma questão em relação às experiências fora do contexto escolar, a maioria dos estudantes 68,57% disseram que tiveram experiências com a dança fora do contexto escolar, 31,43% afirmaram não ter tido nenhuma experiência com a dança fora do contexto escolar.

No formulário buscamos identificar também sobre como era a perspectiva que os estudantes tinham com a dança durante a época em que cursaram o ensino médio. A maioria dos estudantes, 51,43% dos entrevistados, assinalaram a questão com a afirmação “meninos e meninas podem dançar qualquer coisa”, 17,14% “meninos e meninas podem dançar danças de salão”; 20% “dança é coisa de meninas”; 2,86% “eu só ouço música” e 8,57% “meninos não dançam *ballet*.”

Salientamos que, a partir da análise das entrevistas, identificamos que alguns dos entrevistados já vivenciaram situações em que houve atravessamentos de gênero sobre a dança. Nas situações relatadas, não raro, a dança foi associada como “coisa de menina”, sendo que alguns entrevistados disseram que enfrentaram o preconceito referente a presença deles em algum contexto em que dançavam. Ao ser questionado sobre como era a sua experiência com a dança durante a época em que cursava o ensino médio, o Aruan, afirmou que se afastou durante algum tempo da dança, por achar que poderia ser prejudicial à sua imagem, vejamos o que ele disse na entrevista:

Então, a experiência é boa e eu a considero hoje como libertadora. Porque por muito tempo, pelas questões religiosas e também pelas questões de gênero, que eram muito frisadas tanto em casa quanto na escola, eu me afastei por muito tempo da dança, e considerava que isso poderia ser algo prejudicial à minha imagem. Mas a partir do momento que tive a oportunidade de me afastar da minha escola, e tive a oportunidade de me formar [...] eu passei a ver a dança com outros olhos e como algo muito bom para o meu corpo, para o meu pensamento, para o meu psicológico, então a relação com a dança foi se estreitando e foi de grande auxílio para a minha rotina (ARUAN, 2022)

Os estudos no campo de gênero e sexualidade, demonstram que há uma relação entre a dança, o corpo e o sensível que convém com o padrão estabelecido pelas representações hegemônicas de feminilidade. Ou seja, a estética proporcionada pela dança é considerada mais apropriada à essência “natural” da mulher. Por outro lado, é considerada inapropriada aos homens, pois coloca em “prova” a masculinidade (ANDREOLI, 2010a).

Souza (2007) destaca que a problemática no universo da dança para o masculino vai além do fato da mesma ser considerada como algo do feminino. Vai além e envolve também a dimensão da sexualidade humana, pois ainda é muito recorrente a associação da dança a homossexualidade masculina.

As representações hegemônicas de gênero e sexualidade, implicam na relação dos homens com a dança, tal questão é um certo tipo de barreira social que impede alguns homens de dançarem. Como observa Andreoli (2010b) em alguns estilos de dança as formas de regulação aparecem de formas mais intensificadas, em outras menos. O ballet clássico, devido à estética corporal delicada e graciosa, é considerado uma prática de meninas, do gênero feminino. Pois, remete a sensibilidade feminina, que é uma característica culturalmente considerada própria da natureza das mulheres.

Ademais, o marcador sociocultural atribuído aos gêneros, que naturaliza a ideia de que a dança é “Coisa de Mulher”, é um dos motivos pelo qual alguns meninos se afastam da dança. A naturalização desse marcador de gênero, sobre a arte corporal da dança, caracteriza o dançar como uma manifestação corporal inadequada para os homens e faz com que o homem que dança seja considerado homossexual (ANDREOLI, 2010a; SOUZA, 2007). Não há dúvidas que a questão da existência de marcadores de gênero sobre a dança é um dos motivos de alguns homens não dançarem ou enfrentarem barreiras sociais quando dançam. Esse mecanismo cultural implica na aprendizagem não apenas da dança, mas de diversas práticas corporais, pois os indivíduos são “marcados” pelo gênero.

O entrevistado Aruan, relatou uma experiência que teve no âmbito escolar, e afirmou que no próprio contexto escolar, a dança era uma prática induzida só para as meninas, e os meninos eram incentivados a realizarem outras tarefas. Inclusive este relatou o preconceito do próprio corpo pedagógico da escola, e disse que os meninos eram reprimidos quando expressam através da dança.

[...] por exemplo os passos de dança, alguns momentos de dança que tinham para algum evento cultural, era basicamente só destinado às meninas. Sim era meio que induzido só as meninas participarem, e os meninos eram conduzidos para um outro caminho. Os meninos ficavam encarregados de outros tipos de atividades [...] aí isso dependia do contexto, às vezes eles poderiam ficar livres, e quando eram momentos que utilizavam a aula de educação física, os meninos poderiam ficar livres jogando o que quisessem. Ou então, se era uma atividade de dança relacionada a arte os meninos ficavam responsáveis por tocar os instrumentos, então essa ideia da escola de induzir sempre as meninas a dançarem e os meninos não, e havia também uma certa professora que quando via alguns meninos dançando, algumas pessoas do corpo pedagógico mesmo olhava e dizia “Ih, você está fazendo isso?!”. Isso é coisa de menina, não cai bem pra vc fazer isso, um rapaz desse fazendo isso?!” “ Isso é coisa de menina” Uma repetição dessa ênfase, falando o que era coisa de menino e de menina, acabou fazendo essa distinção na minha cabeça (ARUAN, 2022)

A partir desse fragmento da fala do entrevistado, percebe-se a influência social na pedagogia de gênero (LOURO, 2000). Diante disso, fica evidente que a repressão relatada pelo entrevistado é fruto do processo de regulação de gênero, que determina aos sujeitos maneiras e condutas de agir conforme o gênero que lhe foi atribuído socialmente. Mattos (2014) afirma que a escola acaba muitas vezes reforçando estereótipos de gênero, principalmente através da separação de meninos e meninas, e a distinção das práticas corporais. É o que percebemos nesse caso em que a dança era incentivada apenas para as meninas e os meninos ficavam encarregados de outras tarefas.

Outro questão que pode ser problematizada, é que a educação física apenas cedia o momento da aula para os ensaios, e ainda os meninos que não dançavam poderiam ficar “livres”, jogando o que quisessem, como relatado pelo entrevistado. Isso revela, o quanto os profissionais das escolas, ainda precisam ter acesso ao debate que envolve as questões de gênero e sexualidade, pois na situação indicada pelo entrevistado era mais aceitável deixar os meninos sem aula de educação física fazendo o que quisessem do permitir que eles participassem da dança.

Outra recorrência demonstrada a partir da análise das entrevistas, foi o fato de alguns dos entrevistados durante algum momento que estavam dançando, enfrentaram algum tipo de preconceito, pois escutavam frases como: “ Ih, você está fazendo isso? Isso é coisa de menina não cai bem para você [...]”, “ Um rapaz fazendo isso? Isso é coisa de menina”, “ Ah cara isso daí não é legal pra você, é só uma dança de menina”. As questões de gênero que perpassam as práticas corporais, influenciam a realidade e os pensamentos e comportamentos enraizados na sociedade. O padrão heteronormativo da sociedade é responsável por incentivar ou negar essa prática corporal conforme as diferenças construídas historicamente (Altoé, 2020).

Um dos entrevistados relatou que durante o ensino médio passou a dançar no recreio em um grupo de dança em que ele era o único menino, e também alegou ter escutado frases preconceituosas dos próprios colegas.

É... no recreio era um momento que a gente pegava e dançava, era o nosso momento de ensaio, só tinha eu de menino, o resto era tudo menina, eram umas dez ou doze pessoas (Risos) [...] cara como todos os outros meninos de ensino médio olhava, tipo poxa um menino no meio de um monte de menina, não pode fazer isso daí, ou "há cara isso daí não é legal pra você é só uma dança de menina", tinha esse olhar preconceituoso, diferente pra mim, mas eu nunca dei muita importância, bola pra esse tipo de coisa. Inclusive, eu mudei muito a opinião de muita gente na escola por conta disso (NICOLAS, 2022)

O Vitório, relatou na entrevista um pouco sobre as suas experiências com a dança fora do contexto escolar, e afirmou que dançava em festas e se “dividia”, e dançava pouco com os meninos e um pouco com as meninas.

[...] Nas festas, eu sempre me dividia, dançava um pouquinho com as meninas, fazia as mesmas danças que elas. Eu tinha falado, que eu via as meninas tentando fazer igual depois ia pras festas e dançava do jeito que aprendi em casa (VITÓRIO, 2022).

Diante dessa experiência relatada pelo Vitório, percebemos como a determinação de alguns estereótipos de movimentos considerados como “femininos” e “masculino”, atravessam a dança e determina “jeitos” diferentes, de meninos e meninas dançarem. Percebemos, que a regulação de gênero está presente em todos os campos das relações sociais, até mesmo em um espaço aberto como uma festa, em que as pessoas geralmente têm a liberdade de dançar e se expressar como quiserem. Quando perguntei sobre como era a reação das pessoas ao redor e se ele sofria algum tipo de preconceito, quando ele dançava nas festas com as meninas, ele me respondeu o seguinte:

Então dependia muito de onde eu estava, em alguns lugares tinham muita mais gente que achavam estranho, e tanto que assim na convivência eu não andava com um grupo de meninos porque eles achavam estranho o jeito que eu era. Então me olhavam estranho ,o jeito que eu estava dançando, já tinha outro pessoal que achava legal, que me chamava no canto. Dependia muito do ambiente que eu estava, tinha um grupo que achava interessante como eu dançava, que queria ser assim também, mas tinha outro grupo que já olhava estranho que me olhava e falava “ não sei não ” (VITÓRIO, 2022)

Compete salientar que gênero é um mecanismo cultural que determina padrões de comportamento diferenciados aos homens e às mulheres de acordo com o sexo biológico, o que implica na aprendizagem das práticas corporais, devido ao processo social que regula as atitudes e as condutas dos indivíduos de acordo com aquilo que é culturalmente esperado de homens e mulheres (LOURO, 2000). Nessa perspectiva, refletimos que a dança é uma manifestação cultural que está associada a determinadas representações hegemônicas de masculino e de feminino, contribuindo para a relação diferenciada que homens e mulheres têm com essa prática corporal (SOUZA, 2007).

Diante disso, os marcadores de gênero e os estereótipos de movimento atribuídos culturalmente aos homens e a regulação social do comportamento dos meninos, é um fator que faz com que alguns meninos deixem de dançar. Essa repressão que os meninos sofrem muitas vezes desde a infância, cria uma espécie de bloqueio em relação a realização dos gestos e movimentos que caracterizam a dança. Isso ficou evidente, na afirmação do Vicente, que afirmou ter um bloqueio em relação a dança:

Então, antes da graduação a única experiência que eu tinha era de alguns projetos da escola mesmo e a quadrilha. Aqui mesmo que eu tô tendo mais experiências, mas nunca tive, sempre tive esse meio bloqueio por causa da dança. Eu não me permitia dançar. Eu tinha um bloqueio, porque eu não tinha essa liberdade de ir lá e dançar, eu não me permitia isso, quando tinha uma oportunidade, igual a quadrilha, eu ia lá e dançava eu aproveitava." (VICENTE, 2022)

Quando questionado sobre o “porquê” desse tal bloqueio citado por ele, como um dos motivos que impediu ele dançar, ou como ele mesmo disse que fazia com que ele não tivesse a “liberdade de ir lá e dançar” ele respondeu:

Coisas que meio que eu cresci aprendendo isso, que meninos não dançavam, eu não tinha referência de dança masculina, era mais feminina (VICENTE, 2022)

Nesse sentido, Louro (2004 apud ANDREOLI, 2010) ressalta que o corpo é um local de inscrição de diferentes discursos e representações culturais, e os movimentos, os gestos e as posturas corporais são culturalmente diferenciados de acordo com as identidades sociais, que posicionam os sujeitos em contextos sociais particulares, por meio da construção de “marcas corporais”. Compreende-se que a dança não está isenta de ser afetada pelas questões da pedagogia cultural de gênero, que são reproduzidas através da configuração social, na qual são estabelecidas maneiras de usar o corpo (ANDREOLI, 2010a).

Corpos generificados que são culturalmente moldados a partir de características consideradas femininas ou masculinas. A partir da construção dos corpos generificados e vivências corporais atribuídas de formas distintas aos indivíduos de sexos diferentes, o esporte é uma prática que reforça as características consideradas “masculinas” culturalmente atribuída aos homens, em contrapartida os esportes são considerados uma prática imprópria às mulheres pois poderia “masculinizá-las” (MATTOS, 2014).

A partir da análise dos dados recolhidos no questionário e nas entrevistas, percebi que um dos entrevistados relatou ter participado de apresentações de dança durante o ensino médio, em um sarau realizado na escola pela disciplina de arte. Mas no questionário em uma questão que perguntava qual o pensamento dele durante o ensino médio sobre a dança, ele havia marcado que acreditava que a dança era uma prática corporal de meninas. Então, questionei ele, se mesmo depois de ter dançando no sarau ele continuava acreditando que “dançar” era uma prática apenas de meninas. Então ele me respondeu o seguinte:

Passei a selecionar que determinados tipos de movimentos na dança eram mais para meninas, e não que a dança em si era direcionada apenas para meninas, mas que por exemplo alguns estilos de dança e movimento eram para as meninas e ainda assim tinha uma timidez, muito grande a respeito da dança, por exemplo o que iriam pensar ao me ver dançando (ARUAN, 2022)

Ele ainda completou afirmando que passou a determinar que a dança não era uma prática apenas para mulheres, mas sim que alguns estilos de dança e tipos de movimento

seriam mais femininos do que outros e conseqüentemente mais apropriado para as mulheres do que para os homens. Vejamos no seguinte trecho:

Por exemplo, dançar que envolvem movimentos mais ventrais, seriam consideradas um pouco mais femininas, movimentos que lembram o rebolado, alguns passos de samba, também achava que era coisas femininas e serviam mais ao público feminino (ARUAN, 2022)

Outro entrevistado também afirmou acreditar durante a época que estava cursando o ensino médio, que existiam danças para meninos e danças para meninas. Ele reconheceu inclusive um preconceito por sua parte em considerar que “*ballet* é coisa de menina, ou de gay”. Quando indagado se a dança era uma prática corporal apropriada para os homens, o entrevistado relatou o seguinte:

Não, eu acho que assim, meu preconceito predominante na época era mais assim, "tem danças que são pra menino, e tem danças que não", tipo forró e tals, danças de condução, eu tinha muito daqueles preconceitos tipo assim, " ballet é coisa de menina, ou de gay. Então, assim, foi um período, olhando o retrospecto, bem preconceituoso da minha vida, que a gente reproduzia coisa, até pelo contexto social, com os amigos, para se manter no grupo esse tipo de coisa. E eu acho que eu replicava muito esses discursos, acho que principalmente esse, acho que tinha essa separação na minha cabeça de que tinha papéis específicos para o homem na dança de salão por exemplo, outras já nem tanto (ANDERSON, 2022).

4.2.4. O contato tardio com a dança

Uma questão recorrente que pode ser evidenciada nas entrevistas, foi o contato tardio que os estudantes tiveram com a dança, e um deles revelou que suas experiências com a dança se deram apenas na graduação em Educação Física.

Lá na escola eles nunca passaram a dança, mas se passasse eu faria. Eu só tive contato com a dança aqui na ufes (GUTO, 2022)

Então, antes da graduação a única experiência que eu tinha era de alguns projetos da escola mesmo e a quadrilha, aqui mesmo que eu tô tendo mais experiências, mas nunca tive, sempre tive esse meio bloqueio por causa da dança, eu não me permitia dançar (VICENTE, 2022)

O conhecimento “dança” nos cursos de educação física, tiveram um avanço significativo nos currículos. Pois, nem sempre as disciplinas “Rítmicas” foram obrigatórias para os homens. Atualmente, as disciplinas de dança não fazem distinções de sexo, sendo uma disciplina obrigatória a todos/as (BRASILEIRO, 2003)

Entretanto, embora nos cursos de formação inicial em Educação Física as turmas sejam mistas, e todos/as estudantes tenham acesso a todas as disciplinas ofertadas pelo currículo sem distinção de gênero. Isso muitas vezes não é o que acontece nas escolas, principalmente nas aulas de Educação Física.

Em um dos relatos, um dos entrevistados afirmou que as aulas de educação física eram bem divididas, e que geralmente as meninas iam para a sala de dança e os meninos ficavam na quadra fazendo algum esporte. Vejamos o que ele disse no trecho a seguir:

Então como eu falei era bem dividido, então as meninas iam para a sala de dança e a gente ficava na quadra fazendo outro esporte ali (ISAQUE, 2022).

Segundo Mattos (2014) a Educação Física é uma área que ainda resiste ao modelo de integração de meninos e meninas, proposto pelas aulas mistas que buscam compreender a construção cultural do gênero masculino e feminino. Diante disso, a educação física é uma disciplina que precisa superar os estereótipos sexistas determinados a partir da generificação imposta pela cultura na construção das feminilidades e masculinidades.

Assim como a dança, uma prática corporal que é muitas vezes negada aos meninos, outros aspectos culturais, também podem incentivar o preconceito e dificultar a participação das mulheres em práticas corporais, como o Futebol e as Lutas. Sendo assim, a dança e a ginástica devido a suas estéticas e características de movimentos, são consideradas práticas que pertencem ao universo feminino e, portanto, seriam inadequadas aos homens devido ao modelo de masculinidade construído na sociedade machista e patriarcal (ALTOÉ, 2020)

Segundo Mattos (2014) essa resistência em ensinar o mesmo conteúdo em aulas mistas a partir da Educação Física, faz com que seja comum que meninos e meninas não tenham a mesma participação nas práticas corporais desenvolvidas nas aulas de educação física. Essa realidade só contribui para que sejam reforçados comportamentos e estereótipos de gênero movimento, e conseqüentemente para que desde a infância indivíduos de sexos diferentes recebam educação diferenciada.

No âmbito da Educação Física, alguns entendimentos a respeito de gênero são reforçados, quando as práticas corporais que demandam menor esforço, e em que são realizados movimentos delicados, graciosos, e suaves são mais direcionados às meninas, enquanto os esportes, e habilidades como força, destreza e agilidade são direcionados aos meninos (MATTOS, 2014).

4.2.5. Timidez, vergonha ou uma questão de gênero?

A timidez foi outra questão recorrente nos relatos dos estudantes nas suas experiências com a dança. Alguns disseram que em suas experiências fora do âmbito escolar, precisam fazer o uso de bebidas alcoólicas para se “soltar”. É possível identificar isso no seguinte fragmento da entrevista do Isaque:

Fora do contexto escolar, era mais em dança mesmo e confesso que só com álcool as vezes pra dar uma soltada. Acho que é vergonha, muita não saber dançar corretamente, ser meio duro vamos dizer assim, não ter o molejo (ISAUQUE, 2022)

A partir dessa situação de desconforto ou vergonha que muitos meninos têm de dançar, é preciso reconhecer que a juventude é uma fase da vida em que os indivíduos se distanciam mais da família e se aproximam dos seus pares, e partir disso na maioria das vezes a aceitação é algo importante para que eles/as sintam-se parte daquele determinado grupo. Na adolescência o julgamento sobre a aparência assume um peso significativo na vida dos/as jovens que muitas vezes enfrentam sentimentos relacionados a necessidade de autoafirmação e aceitação por parte do grupo (ALTOÉ, 2020).

Na entrevista, o Isaque afirmou sentir vergonha em dançar, mas será que é apenas uma questão de timidez mesmo ou seria a influência da atuação de marcadores de gênero e a regulação social de gênero sobre o corpo e os seus movimentos?

Sendo assim, devido a vergonha e ao medo do julgamento sobre o corpo e alguns movimentos, muitos jovens acabam deixando de dançar até mesmo nas aulas de educação física. O preconceito relacionado à resistência dos meninos em dança, está intimamente ligado ao preconceito de que dançar não é coisa de homem. Inclusive Altoé (2020, p.74) afirma que “Contemporaneamente, o homem que dança, por vezes, é associado a homossexualidade e à efeminação. Essa forma preconceituosa tem limitado a dança masculina e a participação dos meninos em atividades rítmicas e expressivas.”

Quando questionado sobre o que pensava em relação a participação dos homens no universo da dança, muitos alegaram que não tinham problema com essa prática corporal, mas que sentiam vergonha por não saber dançar.

Ah pra mim sempre foi indiferente, essa coisa de menino e menina dançar. Eu sempre me sinto bem dançando, é uma forma de expressar eu fico feliz quando estou dançando, então se você estiver se sentindo bem você pode dançar (PAULO, 2022)

Assim como o Paulo, a maioria dos entrevistados revelou sentir-se bem dançando e que apesar da timidez gostariam de ter tido mais experiências com a dança, principalmente nas aulas de EF. Além disso, ter entrado na Ufes também foi algo citado por eles, como um “divisor de águas” em relação à prática corporal da dança, pois depois de entrar no curso de Educação Física, eles tiveram a oportunidade de vivenciar variados estilos de dança e assim melhorar ainda mais sua relação com essa manifestação cultural. Como podemos ver no seguinte relato:

Eu confesso que sim, com o passar dos anos depois que entrei na ufes, devido aquela ideia de ter que ser o "machão" nunca me importei com isso não, hoje em dia pra mim isso é tranquilo, danço nem ligo pra nada, hoje em dia acredito que não vai ser isso que vai definir a minha sexualidade (ISAQUE, 2022)

Como as entrevistas foram semi-estruturadas deixei um momento de palavra livre para que os entrevistados pudessem falar algo sobre o tema da dança e as relações de gênero e sexualidade nas aulas de educação física que eles acreditavam ser pertinente para esta pesquisa. Muitos falaram que sentiram-se prejudicados por terem tido o contato com o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física escolar. Nesse fragmento da fala do Vitório ele afirmou que se não tivesse partido dele o interesse em pesquisa e procurar aprender a dança através da internet ele não teria tido absolutamente nenhuma experiência com a dança.

Eu só queria finalizar falando assim, que hoje, ainda mais agora que eu estou fazendo Educação Física, eu tive algumas matérias. Me ajudou a conhecer muitas pessoas, me socializar, eu era mais tímido, estava começando a quebrar a timidez e a dança me ajudou muito a conhecer muitas pessoas a me socializar. Às vezes eu estava dançando e encontrava outra pessoa dançando e ali já tinha assunto para conversar. Então, eu sinto muita falta, a dança teve uma importância muito grande na minha vida, tão expressiva, mas dentro da escola, se eu não tivesse tido a iniciativa de ter pesquisado e aprender a fazer, eu não teria tanto contato com a dança. Eu acho que se eu tivesse tido, ao menos uma aulinha, uma aulinha só de dança em qualquer um dos anos do ensino médio teria sido muito diferente, teria aberto a minha cabeça muito antes do que a hora que ela abriu. Então hoje na formação, eu penso muito nisso que é uma coisa muito importante só que o contato que a gente tem é muito fora da escola e poxa tinha que ter, fez falta e faz falta às vezes (VITÓRIO, 2022)

Em seu relato, Vitório destaca ainda que a dança tem uma importância muito grande na sua vida como meio de expressão e até mesmo de socialização e relação com os outros, e para ele, não ter tido contato com esse conteúdo nas aulas de educação física faz falta.

O Aruan também afirmou que a dança faz diferença, e ele acredita que muitos deixam de dançar devido à falta de oportunidades, assim como ele acredita que foi com ele. Ele

afirmou que a aproximação com a dança se dá através de oportunidades, e na escola a única oportunidade que ele teve de vivenciar esse conteúdo foi em na disciplina de arte.

Com certeza, eu acho que se eu não tivesse tido nem esse contato inicial, eu acho que hoje... eu ainda... eu não me permitiria ou teria barreiras ainda maiores para eu ter um contato com dança, e a dança também seria algo que de certa forma passaria despercebido por mim se eu não tivesse tido as experiências com o sarau. Então, acho que foi fundamental. A dança, ela faz a diferença e eu acho que muitas das vezes assim como foi comigo, o que falta é oportunidade e aproximação, se as oportunidades ocorressem com maior frequência as pessoas teriam uma relação um pouco mais próxima a dança (ARUAN, 2022).

O Miguel também afirmou que gostaria de ter tido o conteúdo da dança no ensino médio, e que sentiu falta desse conteúdo:

Eu gostaria de ter aulas de dança no ensino médio, porque foi uma coisa que não foi explorada, não só dança, mas todo o leque que a educação física têm, que não foi explorado no meu ensino médio, no meu ensino fundamental, então eu gostaria de ter sim, com certeza tanto como a criação de uma identidade corporal (MIGUEL, 2022)

Enfim, identificamos que o conteúdo “dança” ainda é negado aos/às estudantes no âmbito da educação física. Isso, possivelmente, seja um dos fatores que contribui para que o contato dos estudantes com essa prática corporal seja tardio. Em alguns casos, a vivência com essa prática corporal, em um contexto de ensino-aprendizagem, acontece apenas na graduação, como visto em algumas das experiências dos estudantes de educação física que foram entrevistados. Ademais, a ausência desse conteúdo nas aulas de educação física e o contato tardio, faz com que muitos estudantes sintam-se prejudicados, pois reconhecem que dançar é uma manifestação corporal importante e que traz vários benefícios, mas que muitas vezes deixam de aprender a dançar devido a falta de oportunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso “Meninos não dançam!? O que dançam e o que não dançam e as relações de gênero nas aulas de Educação Física no Ensino Médio” foi realizado por meio de uma pesquisa desenvolvida no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, localizada em Vitória. Buscamos por meio de um questionário Google Forms e entrevistas compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança, e discutir como essa prática corporal é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio. Para a realização desta pesquisa, partimos da hipótese de que meninos dançam determinadas formas de dança fora da escola, mas essas formas normalmente não são objeto de ensino das aulas de Educação Física com o conteúdo dança, o que pode afastá-los das aulas.

Diante disso, a partir do levantamento realizado no Google Forms foi possível identificar que a maioria dos participantes não teve no seu ensino médio o conteúdo da dança trabalhado nas aulas de educação física. Isso demonstra como a dança é um conteúdo marginalizado na escola, e como é pouco prestigiado enquanto conteúdo específico da Educação Física escolar. Além disso, percebemos que mesmo entre os estudantes que afirmaram ter tido dança como conteúdo das aulas de EF poucos participavam das aulas, o que inferimos ser motivado por atravessamentos de gênero. Os que disseram participar das aulas com o conteúdo dança o faziam apenas quando a dança era abordada no período de ensaios para a festa junina, datas comemorativas ou outros eventos escolares. Evidenciamos, que a maioria dos participantes responderam que tiveram experiências com a dança mesmo que informalmente (bailes, boates, etc) fora do ambiente escolar.

A partir das entrevistas realizadas com treze estudantes que se identificaram como meninos cis, foi possível compreender melhor os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança entendendo como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias no ensino médio.

Os dados obtidos por meio do Google Forms e das entrevistas, demonstraram a predominância do conteúdo esportivo nas aulas de educação física e que na maioria das vezes, a presença da dança na escola, se dá em atividades extracurriculares. Além disso, percebemos ser recorrente a experiência com a dança na escola na disciplina de arte. Além disso, analisamos também, a presença do preconceito relacionado à participação dos meninos na dança e a timidez que os alguns meninos/homens sentem ao dançar.

Diante disso, compreendemos que a dança ainda é uma prática corporal marginalizada e pouco valorizada enquanto conteúdo da Educação Física. A maioria dos estudantes entrevistados não tiveram no seu ensino médio o conteúdo da dança abordado nas aulas de Educação Física, mas a maioria dos participantes tiveram experiências com a dança fora do contexto escolar. Ademais, analisamos que os estudantes que tiveram esse conteúdo, sempre participaram da educação física quando a dança era abordada.

Neste trabalho, também discutimos sobre como as relações de gênero e sexualidade influenciam na prática da dança, e ficou evidente como ainda existe um preconceito em relação ao menino/homem que dança. Diante disso, foi possível analisar como a dança ainda é marcada pelos preconceitos de gênero, pois apenas metade dos estudantes que responderam ao formulário do Google Forms, acreditavam durante o período em que cursaram o ensino médio, que meninos e meninas podem dançar qualquer tipo de dança.

Ademais, percebemos que a dança no próprio contexto escolar estudado era induzida só para as meninas, muitas vezes até mesmo por influência da escola. Analisamos nas situações relatadas nas entrevistas, que não raro, os marcadores de gênero implicam o pensar e fazer sobre a dança, e percebemos como a dança ainda é associada como “Coisa de mulher”. Verificamos como essa ideia contribui para o preconceito e a discriminação que faz com que para dançar, muitos meninos tenham que superar “barreiras sociais”.

Refletimos também sobre como esses “marcadores de gênero” afetam meninos/homens e a relação que eles têm com a dança, bem como o preconceito pode ser motivo de seu afastamento dessa prática corporal. Além disso, discutimos como esses marcadores de gênero afetam a presença dos meninos na prática corporal da dança, já que a timidez foi citada por alguns entrevistados. Isso nos leva a questionar: será que essa vergonha e timidez que eles alegam sentir, não teria alguma influência dos marcadores de gênero?

A partir da temática apresentada, o presente trabalho teve a intenção de compreender os tensionamentos que existem no campo da dança e as adequações de gênero nesse processo, e identificar o que a Educação Física precisa repensar. Sendo assim, é fundamental proporcionar aos/às professores/as de Educação Física um entendimento sobre as questões de gênero e sexualidade, e como elas afetam o ensino da dança, através da análise do comportamento dos estudantes diante da experiência com a dança.

Diante do exposto, é fundamental que tanto os/as professores/as de educação física como todos os profissionais das escolas, tenham acesso ao debate de gênero e sexualidade a

fim de que o preconceito e a discriminação de gênero não sejam mais disseminados nas escolas e em outros espaços; e que meninos e meninas possam ter acesso as mesmas práticas corporais sem distinção de gênero. Diante disso, a discussão sobre a dança e as relações de gênero e sexualidade na atualidade são fundamentais, pois ainda temos muito o que refletir sobre os atravessamentos de gênero, não apenas sobre a dança, mas sobre as diversas práticas corporais da cultura corporal de movimento.

Ademais, esta pesquisa visa contribuir para que os estudantes possam refletir acerca da temática da dança e gênero, a fim de desconstruir preconceitos a respeito da dança, com a intenção de incentivá-los a vivenciar essa prática corporal. Além disso, também temos a intenção de provocar os/as professores/as de Educação Física, a fim de que estes possam refletir sobre a importância de abordar o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física enquanto manifestação sociocultural, e não apenas em eventos ou atividades extracurriculares.

Dessa forma, a dança e as relações de gênero e sexualidade na atualidade, é uma temática muito necessária para refletirmos sobre os fatores que influenciam na participação dos meninos nas aulas de Educação Física que tem como conteúdo a dança. Sendo assim, é importante salientar que muitas vezes abordar este conteúdo nas aulas de Educação Física se torna um desafio para os/as professores/as, pois muitos meninos se recusam a dançar nas aulas e muitas vezes desvalorizam esta prática deslegitimando-a enquanto conteúdo das aulas de Educação Física.

Acreditamos que o contato com dança como conteúdo específico das aulas de Educação Física, pode promover uma melhoria da relação dos meninos com essa prática corporal, a fim de que possam superar os estereótipos da masculinidade socialmente impostos, e assim consigam ter uma relação diferente com a dança e com os estereótipos de movimentos. Além disso, a partir da convicção do/a professor/a enquanto agente de transformações sociais e a escola como um espaço onde os saberes são produzidos, buscamos contribuir para a reflexão a respeito da relação dos meninos com a dança dentro e fora do contexto escolar, a fim de que o/a professor/a também possa desenvolver uma olhar crítico em relação às relações de gênero e sexualidade no conteúdo da dança.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Janaína. **DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: legitimidade e democratização "via" prática pedagógica.** Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

ANDREOLI, G. S. **Dança, Gênero e Sexualidade: um olhar cultural.** Conjectura: filosofia e educação (UCB). v.15, p. 107-118, issn:0103-1457, 2010a.

ANDREOLI, G. S. **Políticas de gênero na dança: um desafio pedagógico.** Em 22º Seminário Nacional de Arte e Educação, 2010, Montenegro. ANAIS DO SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO: Desafios da docência em tempos mutantes. Montenegro - RS - Brasil: Editora da Fundarte, 2010b, 165-170.

ANDREOLI, G. S. O Ensino da dança e as relações de gênero e sexualidade. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 2, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i2.926.

Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/926>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** 4. ed. Paris: Librairie Gallimard, 1970. 309 p.
BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa.** 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015.

BRASILEIRO, L.T. O conteúdo da “ dança “ em aulas de educação física: temos o que ensinar?. Rev.Ufg, Recife, 2003. Disponível em: [Vista do O CONTEÚDO "DANÇA" EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMOS O QUE ENSINAR? \(ufg.br\)](#)

BRUNO, Igor Valentim. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança.**2018. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso .Universidade Santa Catarina, 2018. Disponível em : <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191975>

BOURCIER, Paul. História da dança no Ocidente. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo. Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

SOARES et al. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

CONNEL, R. W. **Políticas da masculinidade.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, 1995.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. O professor diante das relações de gênero na educação física escolar. São Paulo: Cortez, 2012.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **SciELO Brasil**, Campinas- SP, v. 28, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla. Juventudes e ensino médio: Sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FASOLIN, Marcos Antonio. A prática de educação física no ensino médio: percepções dos alunos sobre a esportivização e formação. 2020. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2020

GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. **Métodos de Pesquisa**. 1º edição. Dos autores. Rio Grande do Sul: 2009.

GOELLNER, S. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L. FELIPE, J; GOELLNER, S. V. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a14v13n1>

GUSSO, S. **História da dança**: processo evolutivo da arte corporal. 1997. Dissertação (Mestrado) - Ufpr, Paraná, 1997.

HANNA; J. L. Dança, sexo e gênero: Signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

KLEINUBING, Neusa Dendena; SARAIVA, Maria do Carmo; FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. A dança no Ensino Médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Rev. educ. fis. UEM**, Maringá , v. 24, n. 1, p. 71-82, Mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.1.15459>.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20 n.2, p. 101-132, jul./dez. 1995.

MATTOS, Michele Ziegler De. Aulas mistas na Educação Física: tensões e contradições. 2014. 107f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014

MORAES, Antônio et al. **A trajetória masculina no mundo da dança na sociedade moderna brasileira**. In: Congresso Argentino y V Latinoamericano de Educación Física y

Ciencias, X., 2013. La Plata. Congresso. SEDICI, 2013. Disponível em: [A trajetória masculina no mundo da dança na sociedade moderna brasileira \(unlp.edu.ar\)](http://unlp.edu.ar)

PINTO, Queilane dos Santos. **As percepções dos estudantes sobre questões de gênero e dança na escola:** problemáticas e contribuições das aulas de educação física no ensino médio de uma escola pública em Cabaceiras do Paraguaçu. 2016, 43 f. (Graduação em Educação Física) - Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira, 2016. Disponível: <http://131.0.244.66:8082/jspui/handle/123456789/335>

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Jean Felipe Ramalho dos (org.). O que podem as práticas corporais no contexto escolar? : Considerações sobre a aproximação entre escola e comunidade. Vitória . 2020. color.DOI:https://educacaofisica.ufes.br/sites/educacaofisica.ufes.br/files/field/anexo/jean_felipe_ramalho_e_silva_-_produto.pdf.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, 1995.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. rev. atual. São Paulo:Cortez, 2007.

SILVA, Erineusa Maria. Movimento Pedagógico de Gênero na Escola: O que e como fazem as professoras? 1ª. ed. [S. l.]: Appris, 2021.

SILVA, E. M. da; ALVARENGA, E.; LUIZ DE AMORIM, F.; BARTOLOZZI FERREIRA, E.. A “ Ideologia de gênero” e a “ escola sem partido”: faces de uma mesma moeda em ações políticas conservadoras no Brasil e no Espírito Santo. **Revista Inter Ação, S. I./v. 43, n. 3, p.615-631, 2019. DOI:10.5216/ia.v43i3.48847.**

Disponível em: www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/48847.

SOUZA, Paulo Henrique Pinheiro. Meninos não dançam: uma questão de gênero? 2016. 39 p. TCC (Licenciatura em dança) - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Brasília, 2016. Disponível

em:<https://l1library.co/document/zk83glmz-meninos-nao-dancam-uma-questao-de-genero.htm>
l. Acesso em: 15 ago. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

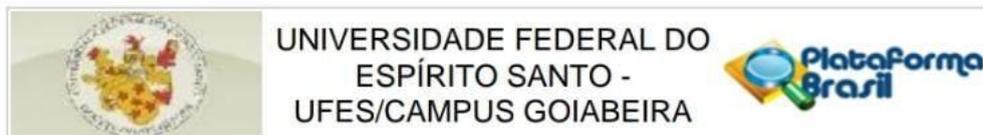
1. Dados pessoais/gerais

- Qual seu nome completo?
 - Qual é a sua idade?
 - Qual é a sua identidade de gênero?
 - Qual é a sua orientação sexual?
 - Qual é sua naturalidade?
 - Como você definiria sua raça-etnia?
 - Qual é sua religião?
 - Em qual período da faculdade você se encontra?
 - Você teve experiências com a dança no seu ensino médio durante as aulas de EF?
 - Se sim, Vc participava dessas aulas de Educação Física com o conteúdo dança?
Sim. Justifique
Não. Justifique
 - Você teve experiências com a dança no seu ensino médio em atividades extracurriculares?
 - Você praticava algum tipo de dança, mesmo que informalmente (bailes, boates etc), fora do ambiente escolar?
 - Se sim, qual tipo de dança era mais frequente dançar (pode indicar até três)
 - Assinale a alternativa que vc concordaria na época que cursava o ensino médio
- () dança é coisa para meninas
- () meninos não dançam balé
- () funk é o tipo de dança para meninos
- () meninos e meninas podem dançar qualquer dança

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- Onde você estudou durante o ensino médio?
- Como são suas memórias na disciplina de educação física nesse período?
- Poderia nos falar um pouco sobre sua experiência com o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física?
- Já atravessou situações em que se recusou a fazer a aula de educação física quando o conteúdo era a dança?
- Poderia nos falar um pouco sobre a sua experiência com a dança? Quais formas de dança você gosta de dançar e quais não gosta?
- Poderia nos falar um pouco sobre suas experiências com a dança no contexto escolar?
- Poderia nos falar um pouco sobre suas experiências com a dança FORA contexto escolar?

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Meninos não dançam!? A dança e as relações de gênero nas aulas de Educação Física no Ensino Médio

Pesquisador: Erineusa Maria da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57836321.1.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.413.266

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa visa compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança, identificando como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias nas aulas de Educação Física no ensino médio. Parte-se da hipótese de que meninos dançam determinadas formas de dança fora da escola, mas essas formas normalmente não são objeto de ensino das aulas de Educação Física com o conteúdo dança o que pode afastá-los das aulas. A pesquisa de cunho qualitativo, apoia-se teórico-metodologicamente nos estudos de gênero e feministas (LOURO, 1995; SILVA, 2021; PISCITELLI, 2009) e nos estudos do campo da Educação Física que se articulam aos estudos da dança como conteúdo curricular (ANDREOLI, 2010; SILVA, 2013, BRASILEIRO, 2003; HANNA, 1999). Será utilizado como fontes: artigos, livros voltados para Educação Física Escolar e também sobre gênero e sexualidade, além das vozes e testemunhos de estudantes meninos cis. Os colaboradores, maiores de idade, serão estudantes do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Espírito Santo e a produção de dados será feita por meio de um questionário via google forms e posterior entrevista realizada em plataforma online. Pretendemos identificar a partir das experiências com a dança desses estudantes os sentidos e significados que implicam o pensar e fazer sobre a dança em relação ao gênero.

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.413.266

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os atravessamentos de gênero na aprendizagem da dança, identificando como a dança é situada nas experiências escolares e não escolares de jovens, durante suas trajetórias nas aulas de Educação Física no ensino médio.

Objetivo Secundário:

compreender os tensionamentos que existem no campo da dança em relação à Educação Física e as adequações de gênero nesse processo; identificar que modos e estratégias de aulas a educação física precisa repensar para uma maior participação de meninos em aulas com o conteúdo dança

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco é de caráter psicológico porque no decorrer do preenchimento do questionário pode haver alguma situação na qual você se sinta constrangida. Nesse sentido, você pode manifestar sua insatisfação e interromper a sua participação. Destaca-se, além do risco de caráter psicológico, os riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas. Nesse sentido, informamos haver limitações dos/as pesquisadores/as para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação. Visando diminuir os riscos virtuais, que seriam de divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE), como recomendado no Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS será feito o download de todos os termos, não deixando nenhum registro online ou em nuvem.

Benefícios:

Benefícios: refletir sobre a sua própria formação e o processo da escolarização vivenciado a partir da educação física

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Aprovado

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados os seguintes termos:

- 1- Informações básicas do projeto
- 2- Projeto

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.413.266

3- Documento parecer

4- Termo de consentimento livre e esclarecido

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1877829.pdf	10/05/2022 18:30:20		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisaSub3_mai22.pdf	10/05/2022 18:29:55	Erineusa Maria da Silva	Aceito
Outros	Esclarece_parecerista.pdf	10/05/2022 18:14:05	Erineusa Maria da Silva	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5390253.pdf	10/05/2022 18:13:54	Erineusa Maria da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_sub3_mai22.pdf	10/05/2022 18:13:43	Erineusa Maria da Silva	Aceito
Cronograma	Crono_Sub3_mai22.pdf	10/05/2022 18:13:29	Erineusa Maria da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folharostoAssinado.pdf	10/05/2022 18:10:55	Erineusa Maria da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITÓRIA, 17 de Maio de 2022

Assinado por:
ANDRÉ DA SILVA MELLO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITÓRIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com